

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

NICOLE MEIRELES GUIMARÃES

PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA CRIATIVA: o desenvolvimento das carreiras
artísticas em São Luís - MA.

São Luís
2017

NICOLE MEIRELES GUIMARÃES

**PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA CRIATIVA: o desenvolvimento das carreiras
artísticas em São Luís - MA.**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Administração de Empresas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Msc. Adriana de Lima Reis Araújo

São Luís

2017

Meireles Guimarães, Nicole.

Profissionais da Indústria Criativa: o desenvolvimento das
carreiras artísticas em São Luís - MA / Nicole Meireles Guimarães.
– 2017.

63 f.

Orientador(a): Msc. Adriana de Lima Reis Araújo.
Monografia (Graduação) - Curso de Administração,
Universidade Federal do Maranhão, 2017.

1. Carreira. 2. Indústria Criativa. 3. Artistas. I. Lima Reis
Araújo, Adriana. II. Mestra.

NICOLE MEIRELES GUIMARÃES

**PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA CRIATIVA: o desenvolvimento das carreiras
artísticas em São Luís - MA**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Administração de Empresas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovador em: / /2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Adriana de Lima Reis Araújo
Msc. em Administração
Universidade Federal do Maranhão

2º Examinador

3º Examinador

Dedico esta pesquisa a todos os artistas
de São Luís do Maranhão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por todas as inspirações, dons e determinação concedidos, pois sem Ele, nada eu seria!

À Andréa Karla Meireles, minha mãe, por seu amor e orações. Tudo por você e pra você!

Ao Prof. Dr. José Evandro Guimarães, PhD, meu pai, que foi incansável nas orientações a essa pesquisa, assim como na exigência de um trabalho bem feito, sem perder a ternura do amor de pai. Sem você nada disso seria possível!

Aos meus avós, Lenir e José Maria Meireles, por todo amor e suporte, em todas as instâncias, oferecidos ao longo da minha vida. Sou eternamente grata!

À Tereza Maria Guimarães, minha irmã, luz e refúgio, por me fazer querer ser “grande”.

Ao meu irmão, José Victor Guimarães, pelos anos de crescimento e amadurecimento compartilhados na vida e na universidade.

A Sandoval Gomes Silva Filho, pela parceria, amor e companheirismo incondicional vivenciados ao longo desta trajetória. Que jamais sejam esquecidos!

À Prof.^a Msc. Adriana Araújo, Coordenadora do curso de Administração da UFMA, minha orientadora, pelos ensinamentos, amizade e inspiração ofertados durante os últimos quatro anos. Que este seja apenas o primeiro passo deste estudo e que colhamos bons frutos!

À Prof.^a Vilma Heluy pelos conhecimentos compartilhados, competência e disponibilidade em contribuir tanto tempo com a coordenadoria do curso de administração da UFMA.

Ao Prof. Ademir Martins pela acessibilidade, agilidade e paciência em responder todos os meus questionamentos e dúvidas acerca da monografia.

A todo corpo docente do curso de Administração da Universidade Federal do Maranhão, por contribuírem para minha formação enquanto administradora.

À Estratégica Empresa Júnior de Administração e toda sua equipe, pelo excelente trabalho desempenhado e por me engrandecer com experiências práticas enquanto Diretora de Gestão de Talentos nos anos de 2015 e 2016.

A todos os profissionais entrevistados e respondentes do questionário, pela disponibilidade em contribuir com este estudo. Assim como a todos que ainda auxiliaram no recrutamento de artistas para esta pesquisa.

À Mayanna Campos, Rayanne Oliveira, Maysa Borges, Rich Soares e Nielsen Cunha, meus colegas de curso, pelos conhecimentos, auxílios e estudos compartilhados nos últimos anos.

À Nayanderson Pereira, pela contribuição na formatação do questionário deste estudo para distribuição.

À Mayara Portela, minha coaching, por me incentivar a acreditar nos meus sonhos e batalhar para alcançá-los sempre.

A Valéria Moraes e Luísa Emília Viegas, por serem amigas fiéis, me apoiarem sempre e acreditarem em mim.

À Companhia Bumba Cultura, nas pessoas de Luan Paiva e Thiago Paiva, por me resgatarem à minha maior paixão e me desafiarem diariamente a criar.

A todos os professores que contribuíram para minha formação enquanto artistas, aqui representados nas pessoas de Reynaldo Faray (in memoriam), Milianne Moreira, Josué Costa e Sérgio Helal.

“Investir em cultura não é caridade: é uma parceria que ajuda a projetar o Brasil internacionalmente.”

“Nossa deformação cultural nos faz pensar que cabe a um segmento da sociedade levar cultura a outro. Nós temos é que buscar a cultura no povo, dando condições para que ela brote.”

Fernanda Montenegro

RESUMO

A carreira é como uma construção social, inscrita tanto nos âmbito individual, grupal como societal e organizativo mais amplos. Dentre a literatura sobre carreira, estudos tem sido desenvolvido para entender melhor as fronteiras, ou balizas, das carreiras nas indústrias criativas. No entanto, esses estudos ainda são escassos e quase inexistentes quando buscado em São Luís do Maranhão. Este trabalho visa contribuir para o entendimento de como se desenvolvem as carreiras da indústria criativa ludovicense. Para tanto, foi realizado um teste-piloto, a partir de 7 entrevistas semi-estruturadas, com artistas e profissionais atuantes nas indústrias criativas. Os setores abrangidos incluem arte multimídia, dança, arte visual, literatura, música, teatro, vídeo. Os resultados dessas entrevistas possibilitaram a criação de um questionário, que foi aplicado a uma amostra igual a 107 respondentes, das áreas de música, dança, teatro, artes visuais, vídeo, software e arte multimídia, garantindo a descoberta de tendências sobre questionamentos acerca do desenvolvimento das carreiras artísticas em São Luís do Maranhão. Os resultados apontam no sentido de que as carreiras são construídas num ambiente em que atuam forças contraditórias, originárias dos laços entre cultura e economia.

Palavras-chave: Carreira. Indústria Criativa. Artistas.

ABSTRACT

The career literature has been enriched by the development of the concept of careers without frontiers and the emergence of Creative Industries. However, these studies are still scarce and almost non-existent when searched in São Luís - Maranhão. This work aims to contribute to the understanding of how the careers of creative industry are developed in São Luis. For that, a pilot test was carried out, from 7 semi-structured interviews, with artists and professionals working in the creative industries. The sectors covered include multimedia art, dance, visual art, literature, music, theater, video. The results of these interviews allowed the creation of a questionnaire, which was applied to a sample of 107 respondents, from the areas of music, dance, theater, visual arts, video, software and multimedia art, ensuring the discovery of tendencies about questions about Development of artistic careers in São Luís - Maranhão. The results point out that careers are built in an environment in which contradictory forces, originating from the links between culture and economy, operate.

Keywords: career. Creative Industries. artist.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|--|
| AMEI: | Associação Maranhense de Escritores Independentes |
| CONAGES: | XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade |
| DCMS: | Department for Culture, Media and Sport |
| FIRJAN: | Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro |
| IFMA: | Instituto Federal do Maranhão |
| OMC: | Organização Mundial do Comércio |
| PIB: | Produto Interno Bruto |
| UFMA: | Universidade Federal do Maranhão |
| UNCTAD: | United Nation Conference on Trade and Development |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Indústrias Criativas por Hartley..... | 21 |
| Figura 2. Círculos Concêntricos de Throsby. | 28 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Questão 1 do questionário: sexo | 38 |
| Gráfico 2 - questão 2 do questionário: idade..... | 39 |
| Gráfico 3 - questão 9 do questionário: motivos..... | 40 |
| Gráfico 4 - questão 11 do questionário: fator | 41 |
| Gráfico 5 - questão 3 do questionário: artista | 42 |
| Gráfico 6 - questão 10 do questionário: renda | 43 |
| Gráfico 7 - questão 12 do questionário: estratégia..... | 44 |
| Gráfico 8 - questão 4 do questionário: área de atuação | 45 |
| Gráfico 9 - questão 13 do questionário: fronteira | 46 |
| Gráfico 10 - questão 5 do questionário: anos trabalhando na área | 48 |
| Gráfico 11 – questão 7 do questionário: atividade além da indústria criativa | 49 |
| Gráfico 12 - questão 6 do questionário: salário | 50 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Caracterização dos entrevistados | 33 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 | CARREIRA NA INDÚSTRIA CRIATIVA | 16 |
| 3 | INDÚSTRIA CRIATIVA..... | 20 |
| 4 | QUEM SÃO OS ARTISTAS..... | 27 |
| 5 | METODOLOGIA DA PESQUISA | 30 |
| 6 | RESULTADO DA PESQUISA..... | 33 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 51 |
| | REFERÊNCIAS..... | 53 |
| | APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA..... | 58 |
| | APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO | 61 |
| | ANEXO A – AUTORIZAÇÃO | 64 |

1 INTRODUÇÃO

O construto Carreira vem se revelando um interessante alvo de estudos internacionais (ARTHUR, 1994; DEFILLIPI e ARTHUR, 1994; ARTHUR *et al.*, 1995; CHANLAT, 1995, 1996; ARTHUR e RUSSEAU, 1996) e nacionais (LACOMBE, 2005; BENDASSOLLI 2009; BENDASSOLI e WOOD JR, 20010; MENDONÇA, 2015), considerando a temática da carreira, com o foco em suas tipologias, modelagens, transformações, representações e metáforas dentro do atual contexto econômico, social e acadêmico.

Já construto Indústria Criativa apresenta-se como um tema contemporâneo que tem adquirido relevância nos últimos anos principalmente pela descoberta do seu potencial econômico. A grande peculiaridade desse segmento é que seu ponto de partida é a criatividade, e esta por sua vez vem sendo tratada como fonte inesgotável de recursos, quanto mais se usa, mais se tem, o que torna essa Indústria extremamente rentável. (SERAFIM *et al.*, 2012).

As indústrias criativas compõem o centro da economia criativa, de onde também fazem parte os impactos de seus serviços em outros setores, assim como as mudanças sociais, organizacionais, políticas, educacionais e econômicas desencadeadas ao longo do processo. (UNCTAD, 2008; REIS, 2008 apud DUARTE *et al.*, 2010).

Durante muito tempo, mais precisamente no século XIX, São Luís foi conhecida como a *Athenas Brasileira*, pois historicamente, a movimentação no âmbito de confecção e produção de arte, em todas as áreas, da literária à musical, no Maranhão, sempre foi muito intensa e “frutífera”, com movimentos altamente arcabouçados por aprofundamentos em diversos setores que influenciaram várias gerações a optarem por seguir carreira na “Indústria Criativa”. Entretanto constatou-se a escassez de estudos acerca desses profissionais e dos fatores que tangem suas carreiras na atualidade. Perante esta situação, surge a necessidade de investigar localmente **como são desenvolvidas as carreiras artísticas na indústria criativa em São Luís?** Esse questionamento é o tema de estudo, ora apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Para responder à pergunta supracitada foi realizado um teste-piloto através de entrevistas semiestruturadas com um universo de 7 profissionais que seguem carreira artística na indústria criativa de São Luís do Maranhão.

Com base nos resultados do teste-piloto, um questionário objetivo e quantitativo foi aplicado numa amostra igual a 107 participantes, buscando a contribuição para os escassos estudos existentes sobre carreira na indústria criativa local e satisfação dos objetivos aqui propostos, sendo esses: Investigar os principais motivos que resultam na escolha pela carreira profissional no ramo artístico; compreender quais são as ações realizadas que influenciam o desenvolvimento da carreira de artistas ludovicenses e identificar os fatores e as fronteiras encarados pelos artistas para se desenvolverem e se manterem na carreira escolhida.

Esta pesquisa está organizada em sete capítulos, sendo esta introdução o primeiro deles. No segundo capítulo discorre-se sobre o construto carreira e sobre carreira na indústria criativa. No capítulo que se sucede, explica-se a indústria criativa, apresentando conceitos e histórico. No quarto, apresenta-se os artistas conforme a definição de Throsby. O quinto capítulo demonstra qual a metodologia utilizada para execução desta pesquisa. Em seguida os resultados obtidos são apresentados e posteriormente as considerações finais.

2 CARREIRA NA INDÚSTRIA CRIATIVA

A ideia de carreira surge com a sociedade industrial capitalista liberal, em meados do século XIX para o século XX, em meio ao contexto da hegemonia do discurso gerencial, onde as ideias de igualdade, liberdade de êxito individual e progresso econômico e social, formavam um quadro que, teoricamente, mostrava ser possível fazer carreira. (CHANLAT, 1995). Primeiramente, as carreiras eram tidas como a reunião de experiências, estudos, realizações e competências, adquiridas por um indivíduo, ao longo dos anos dentro das fronteiras de uma organização. Posterior e sucessivamente, outros modelos foram sendo admitidos e estudados de acordo com a evolução empresarial e econômica mundiais.

Chanlat (1995) afirma existirem dois principais modelos de carreiras a partir das sociedades industriais: o modelo tradicional e o modelo moderno. O modelo tradicional oferece estabilidade, enriquecimento, possibilidade de ascensão na carreira de forma linear e vertical, extrema divisão social e somente homens trabalhavam. Esse modelo foi majoritário até os anos 70. O novo modelo por sua vez, traz oportunidades para profissionais do sexo feminino, assim como para aqueles pertencentes a grupos sociais variados; a progressão na carreira é descontínua, horizontalizada, porém com maior instabilidade. (CHANLAT, 1995)

Ainda segundo Chanlat (1995), para falar sobre carreira é necessário antes compreender as estruturas socioeconômicas, o mercado ao qual esta carreira está inserida, os valores dominantes, a cultura da empresa e o contexto histórico ao qual fazem parte os profissionais em questão.

Dando um salto para a atualidade, diariamente executivos cansados da rotina trocam escritórios dentro de grandes empresas por *home offices em busca de qualidade de vida*, mulheres alcançam cargos cada vez mais altos, organizações terceirizam serviços e reduzem a quantidade de cargos buscando minimizar custos e o profissional moderno é *online*, mais ágil, hábil, multifacetado, crítico, dinâmico, exigente, autodidata, “contra” hierarquias e a favor da flexibilização do trabalho. (MENDONÇA, 2015).

As transformações sociais e econômicas das últimas décadas direcionaram as novas formas de carreira. A globalização da economia e a versatilidade do trabalho, o empoderamento feminino que refletiu no mercado e nas organizações, o

reconhecimento dos direitos e o crescimento do nível de escolaridade dos trabalhadores são alguns dos motivos que resultaram no declínio do modelo de carreira tradicional, ampliando o conceito de carreira moderna. (CHANLAT, 1995). Portanto, optaremos por admitir carreira como um conceito mediador capaz de ligar diversas dimensões da experiência humana em torno do trabalho. (BENDASSOLLI, 2009, P. 388).

Pode-se citar ainda outra contribuição para o conceito de carreira, apresentada por Hall (2002 apud ARAÚJO, 2015), sob quatro significados distintos. Apresenta-se aqui o terceiro e o quarto significados sobre carreira, que são influentes dentro da comunidade que estuda o comportamento social e estão em comunhão com os conceitos já adotados nesse estudo. O terceiro significado compreende a carreira como sequência de trabalhos realizados, ou seja, todo e qualquer trabalho realizado pelo indivíduo constitui a sua carreira. Já o quarto significado aborda a carreira como sequência de experiências relativas a uma função, onde a carreira nada mais é que, a forma como o indivíduo experimenta a sequência de trabalhos e atividades que constituem sua história profissional. (HALL, 2002 apud ARAÚJO, 2015).

A partir de certo momento da evolução do conceito de carreira, essas passam a ser consideradas pela perspectiva do indivíduo. Em 1996, Hall (apud ARAÚJO, 2015) propõe o conceito de Carreira Proteana, onde o termo é derivado do nome Proteu que, na mitologia grega, era um deus capaz de mudar de forma de acordo com sua vontade. Esse conceito concebe a carreira como uma série de experiências e de aprendizados pessoais, relacionados ao trabalho ao longo da vida. É importante ressaltar que o que direciona o indivíduo na carreira proteana são as necessidades pessoais, em detrimento às necessidades organizacionais, e o sucesso alcançado é o psicológico, diferentemente da percepção de sucesso no modelo tradicional. (HALL, 1996 apud ARAÚJO, 2015).

Ainda sobre carreiras desenvolvidas na perspectiva do indivíduo, o contexto da atualidade onde o profissional tem cada vez mais agilidade e busca flexibilidade e independência no seu trabalho, fez surgir as chamadas carreiras sem fronteiras, (ARTHUR, 1994; DEFILLIPI e ATHUR, 1994, apud LACOMBE, 2005) diferentemente das carreiras do século XX, que eram traçadas dentro do plano de cargos de uma empresa na qual o empregado passava a vida inteira trabalhando, trocava lealdade

por segurança no trabalho, vivia sob uma hierarquia e ganhava benefícios de acordo com o status ao qual alcançasse na empresa. (CHANLAT, 1995).

O vínculo entre indivíduo e organização foi enfraquecido e o tempo de permanência em uma determinada empresa diminuiu, as carreiras passam a ser uma criação individual e o profissional enquanto “agente livre” precisa guiar sua carreira a partir de seus recursos internos e redes de relacionamento. Além disso, é preciso estabelecer uma identidade social valorizada, uma marca pessoal, um “nome” no mercado, que irá se aliar aos conhecimentos e experiências adquiridos ao longo da trajetória desse profissional. (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

Para desenvolver as carreiras sem fronteiras são necessárias três competências básicas: *know-how*, *know-why* e *know-whom*. *Know-how* significa saber como fazer, ou seja, é necessário ter o domínio da técnica do trabalho a ser executado. *Know-why* se refere às motivações que levaram esse profissional a escolher tal carreira, é onde o mesmo encontra sentido para trabalhar e desenvolve seu plano de carreira. *Know-whom* é a competência que mais contrasta o modelo de carreira sem fronteiras com o modelo tradicional, pois sugere que é necessário manter uma rede de relacionamentos e quanto maior a rede, mais trabalho o profissional adquire ao longo de sua carreira. (ARTHUR *et al.*, 1995 apud LANCOMBE, 2005).

Dessa forma, as carreiras na indústria criativa se aproximam do conceito de carreiras sem fronteiras, por parte considerável de seus profissionais que trabalham em regime autônomo, não estando atrelados a uma organização somente e por haver liberdade de criação. (ARTHUR e ROSSEAU, 1996 apud BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

Vale ressaltar que, apesar de atraente e popular, tanto entre acadêmicos quanto entre executivos, o conceito de carreiras sem fronteiras tem recebido críticas (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010). Um pressuposto do conceito é a existência de um indivíduo plenamente capacitado e informado, fazendo pleno uso de redes de contatos e cruzando, sem impedimentos, as fronteiras organizacionais, em busca de melhores condições de trabalho. Ocorre que tal condição ignora, ou minimiza o fato de que as carreiras não constituem um domínio exclusivo do indivíduo, porém emergem da interação entre o indivíduo, a organização e a sociedade. Desse modo, as trajetórias de carreiras são limitadas pelas condições políticas, econômicas,

sociais e culturais, as quais são localizadas no tempo e no espaço. Tal condição ignora, também, a força que a necessidade de segurança contrapõe ao oportunismo e à adesão a mudanças que envolvam riscos, aspectos que interferem nas decisões dos indivíduos (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

Nesse estudo buscamos, dentre outros objetivos, identificar os fatores e as novas fronteiras encaradas pelos profissionais artistas para se desenvolverem e se manterem na carreira escolhida em São Luís do Maranhão.

No capítulo a seguir apresentam-se as noções em torno dos conceitos relativos à indústria criativa.

3 INDÚSTRIA CRIATIVA

A história moderna da carreira artística tem origem nos séculos XVI e XVII, momento no qual artistas fundaram academias na Itália e na França. Nessas instituições artistas eram formados e eram realizados os processos de credenciamento e o controle da produção artística. (MOULIN, 1997 apud BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

No século XIX, entretanto, as concepções individualistas dos românticos por uma nova imagem social do artista abalaram o poder das academias. O mercado passou então a desempenhar um papel de promotor da modernidade artística. Enquanto os funcionários da burocracia estatal moldavam as carreiras dos artistas acadêmicos à sua maneira, os artistas independentes criavam uma arte definida pela busca permanente de rupturas, seguindo uma trilha autônoma de carreira, valorizando a inovação e burlando a perfeição canônica das academias. (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

Entretanto, como na atualidade, a condição de autonomia só era viável quando o mercado aceitava o artista e sua obra. Num processo natural o mercado passou a interferir na obra e o artista transformou-se em um empreendedor, que deveria entender as exigências do mercado ao qual estava inserido. Dessa forma nasceu no século XIX, um processo de mediação entre a esfera da cultura e a esfera do mercado, onde o artista estava sempre inovando suas obras, a fim de ser aceito pelo mercado existente, para garantir seu sucesso comercial. (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

Quando arte, tecnologia e produção em massa se aproximaram na primeira metade do século XX, movimento esse especialmente visível na música, na fotografia e no cinema, os teóricos da Escola de Frankfurt, o cunharam com o termo “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 apud BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010) e ainda argumentavam que a falência das artes humanísticas, último reduto da crítica e da libertação do espírito humano, havia sido acompanhada da massificação dos bens culturais e sua absorção pelo universo da racionalização capitalista e de seus meios de padronização e de distribuição (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

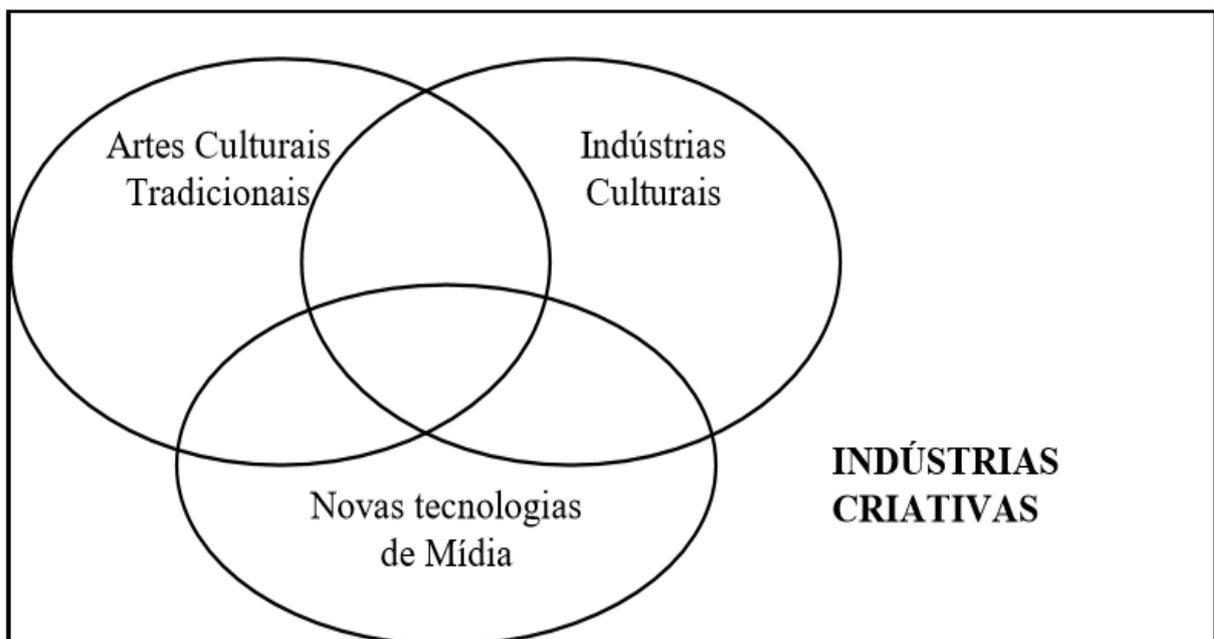
Na década de 1960, sob influência da sociologia francesa, o termo indústria cultural (no singular) cederia lugar ao termo “indústrias culturais” (no plural) (HESMONDHALGH, 2002 apud BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010). Com isso, surgiram análises que ressaltavam a resistência às incursões do capital nas artes (BOURDIEU, 2002 apud BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010) e os efeitos ambíguos da aplicação de tecnologias, que provocavam tanto a massificação quanto o surgimento de inovações genuínas. (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

A expressão “Indústrias Criativas” surgiu na Austrália, no final do século XX, mais precisamente no início da década de 1990, em virtude do peso das atividades criativas na economia, entretanto, ganhou expressão verdadeiramente na Inglaterra. (BLYTHE, 2001 apud BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

A conceituação do termo Indústria Criativa é muito ampla, podendo explorar vários aspectos. Na visão de Hartley (2005, p. 5, apud BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010, p. 262):

Indústria Criativa é uma convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto de novas tecnologias midiáticas e no escopo de uma nova economia do conhecimento, tendo em vista seu uso por parte de novos consumidores-cidadãos interativos.

Figura 1. Indústrias Criativas por Hartley.



Fonte: FRANCA, 2007.

Outro meio de conceituar a Indústria Criativa é a partir de seu insumo principal: a criatividade. Essa é a grande peculiaridade desse segmento, pois a criatividade vem sendo tratada como fonte inesgotável de recursos, quanto mais se usa, mais se tem, o que torna essa Indústria extremamente rentável. (SERAFIM *et al.*, 2012).

Diante disso, pode-se conceituar a Indústria Criativa como um grupo de setores de atividades produtivas que utilizam a criatividade, o talento e as habilidades humanas como principal fonte de trabalho, podendo estar relacionadas à cultura, serem tradicionais ou inovadoras e tecnológicas. (BENDASSOLLI, 2009).

Além da criatividade, outras três características principais são destacáveis na forma de produção das Indústrias criativas, a valorização da arte pela arte, o uso intensivo de tecnologias e o uso extensivo de equipes polivalentes. (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A criatividade é a primeira dessas características e foi definida por Winnicott (1975 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009) como a expressão do potencial humano de realização, que se manifesta mediante atividades geradoras de produtos tangíveis, ou seja, como a capacidade de o indivíduo manipular objetos do mundo externo a partir de um desenvolvimento simultâneo de seus recursos pessoais, suas fantasias e seus desejos. Em certos momentos, ela é institucionalizada como arte; em outros, ela é institucionalizada como mercado. (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A valorização da arte pela arte é a segunda característica da forma de produção das indústrias criativas, constituindo um traço cultural relevante (CAVES, 2000 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009). Nas indústrias tradicionais, a racionalidade, a funcionalidade e a instrumentalidade tendem a definir prioridades para destinação de recursos, em contrapartida, nas indústrias criativas as concepções estéticas e artísticas são as grandes influenciadoras nas escolhas e o direcionamento de recursos, muitas vezes criando situações ambíguas e potencialmente conflitantes, em virtude das organizações criativas lidarem simultaneamente com instâncias artísticas e instâncias instrumentais (BLYTHE, 2001; BOURDIEU, 1993 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A terceira característica da forma de produção das indústrias criativas é o uso intensivo de novas tecnologias. Essa característica descentraliza as atividades (JAGUARIBE, 2006 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009), fortalecendo pequenas

empresas ou pequenas comunidades de produtores que utilizam tecnologias de informação e de comunicação para disseminar suas criações. Tal condição evita que organizações de grande porte dominem alguns setores através do controle dos meios de produção e de distribuição. Por exemplo, podemos citar a indústria musical com o uso de novas tecnologias na produção, distribuição e consumo (MOLTENI e ORDANINI, 2003 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A quarta e última característica da forma de produção das indústrias criativas é o uso extensivo de equipes polivalentes. A formação dessas equipes acontece naturalmente em virtude das atividades exercidas, cujo processo produtivo exige a coordenação e execução de diferentes competências, especialidades e recursos. Pode-se citar como exemplo a produção de uma ópera ou de um filme, onde há a necessidade do envolvimento de múltiplos especialistas, com conhecimentos e habilidades diversos que irão contribuir no desenvolvimento do projeto (BIELBY e BIELBY, 1999; WINDELER e SYDOW, 2001 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009). O uso extensivo de equipes polivalentes também é comum em outras indústrias, entretanto nas indústrias criativas a polivalência é intrínseca à própria organização. (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

Além das características da forma de produção das indústrias criativas podemos caracterizar também o produto e o consumo desse modelo de indústria. O produto proveniente da indústria criativa é basicamente composto por três características: verdade infinita, diferenciação vertical e perenidade (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A verdade infinita, segundo Caves (2000 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009), significa que não há limites para uma produção cultural na medida em que ela utiliza, em ordem de importância, insumos criativos e recursos técnicos. Por exemplo, uma mesma canção pode permitir diferentes interpretações, com diferentes estilos e arranjos.

A diferenciação vertical determina que os produtos criativos são verticalmente diferenciados, processo a que Caves denomina lista A/lista B: os artistas competem para alcançar o status de lista A (classificação que lhes dá maior poder e prestígio), porém os distribuidores e intermediários têm grande influência sobre a definição de quem vai ser bem ou mal sucedido. Por exemplo, os

marchands podem promover determinados artistas depois de reunir suas obras, a fim de obter ganhos de capital (HIRSCH, 2001 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A perenidade é a terceira característica essencial dos produtos das indústrias criativas. Os produtos criativos frequentemente não são exauridos em seu consumo. Eles possuem a propriedade da *ars longa* (CAVES, 2000 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009). Tal propriedade implica que os benefícios criados por um produto criativo podem ser usufruídos durante um longo período de tempo. Implica ainda que tais benefícios devem ser gerenciados por regras específicas de direitos autorais. Por exemplo, direitos sobre músicas e livros podem beneficiar os autores e seus eventuais herdeiros por muitos anos (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

Quando se fala das principais características de consumo da indústria criativa, estas também são três: consumo de artefatos de cultura, reconstrução mercadológica do consumidor e a instabilidade da demanda. (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

O consumo de artefatos de cultura iniciou partir da década de 1990, quando surgiu uma nova classe de serviços, que combinava capital cultural e capital econômico. Com isso, o consumo material foi se transformando em consumo cultural no âmbito de um processo de estetização da vida cotidiana (FEATHERSTONE, 1991 apud BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A reconstrução mercadológica, por sua vez, pressupõe um novo regime político-econômico de construção da subjetividade e da identidade pessoal, onde o consumidor passa a ser um agente ativo dos ciclos da geração de valor econômico, construindo uma identidade individual, no lazer, no entretenimento, nos novos regimes de distinção simbólica, na preocupação com a saúde e com a forma física. (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

A instabilidade da demanda é a terceira característica essencial de consumo no âmbito das indústrias criativas. Significa dizer que os produtos da indústria criativa nem sempre se beneficiam de experiências anteriores. Com isso, a incerteza é um componente sempre presente na comercialização dos produtos. Por outro lado, a demanda dos consumidores por novidades é ilimitada, forçando as firmas a uma espiral inovativa que pode não ter retorno financeiro (BENDASSOLLI *et. al.*, 2009).

As indústrias criativas apresentam-se hoje como um novo e promissor campo econômico e referem-se à convergência de quatro grandes grupos anteriormente mantidos separados: Patrimônio Cultural, Artes, Mídia e Criações Funcionais. Seu potencial de crescimento e sua contribuição na geração de renda dos países e na composição do emprego vêm sendo atestados em diversos estudos, governamentais e acadêmicos, ao redor do mundo, nestas últimas décadas. (LIMA *et al.*, 2013).

De forma simplificada, pode-se dizer que a indústria criativa é núcleo de um universo maior chamado economia criativa, que abrange também os impactos de seus bens e serviços em outros setores e processos da economia e as conexões estabelecidas entre eles, provocando e incorporando-se a profundas mudanças sociais, organizacionais, políticas, educacionais e econômicas desencadeadas ao longo do processo. Ou seja, a economia criativa, nos fornece uma ideia de cadeia em que no centro estão as indústrias criativas. (UNCTAD, 2008; REIS, 2008 apud DUARTE *et al.*, 2010).

De acordo com a United Nation Conference on Trade and Development (UNCTAD, 2008 apud DUARTE *et al.*, 2010), o potencial da economia criativa é capaz gerar crescimento socioeconômico, criar empregos e exportar ganhos ao mesmo tempo em que promovem a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano para países desenvolvidos e em desenvolvimento. Reis (2008 apud DUARTE *et al.*, 2010) também enfatiza que o capital humano por meio do uso da criatividade, fomenta uma integração de objetivos sociais, culturais e econômicos podendo ser alternativa diante de um modelo de desenvolvimento global pós-industrial excludente. Em um novo modelo de desenvolvimento, Reis (2008 apud DUARTE *et al.*, 2010) destaca que a diversidade cultural e as culturas em geral poderiam ser vistas nutrientes de criatividade e de resolução dos entraves sociais e econômicos dos países em desenvolvimento.

Segundo pesquisa da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2014) em 2013 o PIB da indústria criativa no Brasil chegou a R\$ 126 bilhões, ou seja, o equivalente a 2,6% do total produzido no país naquele ano. Isso significa o avanço de 69,8% do PIB da indústria criativa em dez anos, acima dos 36,4% de avanço registrado pelo PIB nacional no mesmo período. (CAVALCANTI, 2016).

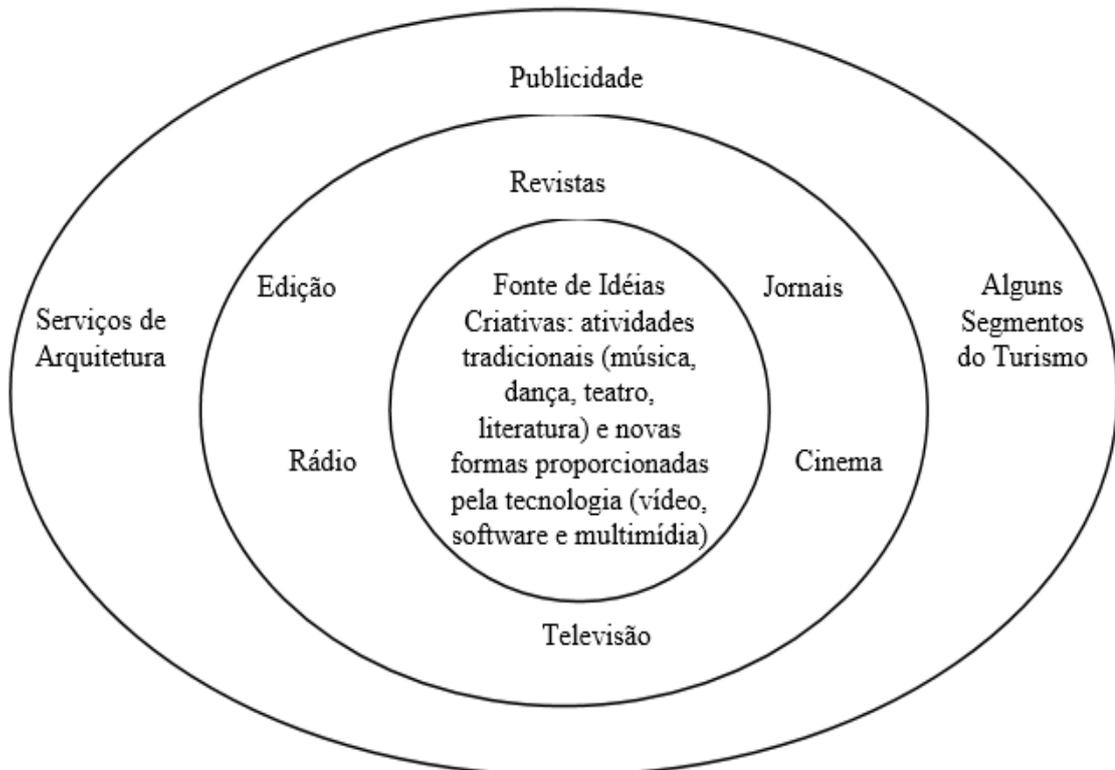
Entretanto o crescimento dessa indústria nacional ainda é pequeno se comparado ao resto do mundo, e é possível observar também que os países mais desenvolvidos e que mais apostaram na economia criativa como uma forma de ofertar produtos com maior valor agregado são os que menos passam dificuldades ao longo dos anos de crise econômica. Como exemplo de supremacia podemos citar Estados Unidos, China e Reino Unido, que juntos correspondem a 40% da economia criativa global, de acordo com dados da Organização Mundial do Comércio (OMC). Como dito anteriormente, no Brasil, o PIB do núcleo criativo é aproximadamente R\$ 126 bilhões ao ano. No Reino Unido as mesmas contas chegam a US\$ 286 bilhões, na França a US\$ 191 bilhões e na Alemanha a US\$ 181 bilhões. (HIAR, 2015; SIMONNETI, 2006).

4 QUEM SÃO OS ARTISTAS

Segundo o Department for Culture, Media and Sport (DCMS, 2005), conforme citado por Bendassolli e Wood Jr (2010, p. 262) os setores: publicidade, arquitetura, artes e antiguidades, artesanato, design, design de moda, cinema, software, software interativos para lazer, música, artes performáticas, indústria editorial, rádio, TV, museus, galerias e atividades de tradições culturais, foram classificados pelo governo inglês como setores criativos.

No parágrafo supracitado, nota-se que o universo de carreiras que abrange a Indústria Criativa é muito vasto, portanto vamos adotar a subdivisão estabelecida por David Throsby, que associa atividades criativas ao termo indústrias, de modo com que essas sejam reconhecidas por um produto cultural específico ou pelas características estruturais do seu funcionamento. Essa teoria de divisão é proposta por um modelo, que consiste em três círculos concêntricos, onde no mais externo estão os setores que geralmente são considerados “não culturais”, sendo esses, propaganda, turismo e arquitetura, no segundo círculo estão localizados publicação de livros e revistas, televisão e rádio, cinema e jornais, atividades as quais podem ser ou não, consideradas culturais. No círculo mais interno estão as indústrias que partem de ideias criativas, como música, dança, teatro, literatura, artes visuais e artesanato, sendo essas as consideradas tradicionais, além de vídeo, software e arte multimídia que são expressões criativas estimuladas pela tecnologia. (THROSBY, 2001, apud FRANCA, 2007, p. 47).

Figura 2. Círculos Concêntricos de Throsby.



Fonte: FRANCA, 2007.

De acordo com Bendassolli e Wood Jr (2010, p. 263), Throsby (2001), define artista como:

O indivíduo que domina competências artísticas, que cria ou dá expressão a trabalhos de arte ou de conteúdo cultural (ou seja, de valor simbólico), que se percebe como artista (identidade auto-atribuída), que é reconhecido por pares e público como tal e que é capaz de viver com o produto de seu trabalho.

Nesse estudo vamos nos focar apenas no círculo interno proposto por Throsby, onde encontramos os “artistas” propriamente ditos e esses profissionais serão nosso objeto de pesquisa.

No estudo realizado por Bendassolli e Wood Jr a respeito das carreiras de artistas na indústria criativa, três pontos em comum foram diagnosticados em relação à escolha profissional, sendo o primeiro a influência da família, onde muitas vezes o indivíduo já nasce em ambiente que cultivava as artes, marcado pela presença de artistas ou pelo convívio constante com manifestações culturais, entretanto houve aqueles que relataram o oposto, onde suas famílias eram

contrárias à “carreira artística” e incentivavam a escolha por uma carreira “tradicional” (medicina, direito, engenharia, etc) (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

O segundo ponto comum é a precocidade, onde a maioria dos entrevistados afirma praticar a atividade, mais tarde executada profissionalmente, desde muito cedo. Desde criança já pintavam, dançavam, cantavam, desenhavam ou atuavam. (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

O terceiro ponto comum se refere à migração de uma atividade paralela para atividade principal, significando que as carreiras artísticas tiveram início como atividades paralelas, muita das vezes de lazer, sem fins lucrativos e posteriormente, por meio de libertação de preconceitos, paradigmas e estigmas, se tornaram o “trabalho principal” do entrevistado. (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

Investigar os principais motivos que resultam na escolha pela carreira profissional no ramo artístico em São Luís do Maranhão é um dos objetivos específicos desse estudo.

Esclarecidos os conceitos que subsidiaram as análises e resultados deste estudo, se faz necessário descrever o campo de pesquisa, ou seja, o local onde a coleta de dados foi realizada com os sujeitos alvo desta investigação, para melhor compreensão dos resultados. Este é o objetivo do capítulo que se segue.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para compreender o desenvolvimento das carreiras artísticas da indústria criativa em São Luís do Maranhão, adotou-se um modelo de pesquisa, classificada quanto aos fins e quanto aos meios, de acordo com a taxonomia de Vergara (2013).

Quanto aos fins, essa se classifica como exploratória, em virtude de ser uma investigação executada em área na qual ainda se detém pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Quanto aos meios pode-se destacar pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica, e estudo de caso. Pesquisa de campo, pois se foi a campo para as etapas de entrevistas e questionários que foram aplicados nos profissionais que se encaixaram no perfil aqui adotado. Bibliográfica, pois para fundamentação teórico-metodológica do trabalho realizou-se estudo sobre os seguintes assuntos: carreiras, carreiras sem fronteiras, indústrias criativas, profissionais autônomos, trabalho artístico na sociedade atual, etc. A estratégia de estudo de caso que serve para responder questionamentos sobre um fenômeno ao qual não se tem muito controle. (VERGARA, 2013).

O método estudo de caso geralmente é utilizado para compreender fenômenos que se tem pouco controle. São utilizadas perguntas “como” e “por que” por se tratar de um estudo empírico que busca determinar ou testar uma teoria. Entrevista é a estratégia mais comum de captação de informações, onde o entrevistado explica com as próprias palavras a visão sobre o assunto em questão. Tal método é útil quando o evento em questão é amplo e complexo e não pode ser compreendido distante do contexto de origem. (EMANUELLE OLIVEIRA, [201-?]; PRODANOV e FREITAS, 2013).

O método de pesquisa pode ser classificado em: qualitativo e quantitativo. Inicialmente foi realizado um Teste-piloto de abordagem qualitativa, caracterizada pelo ambiente natural ser propício para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados, não havendo possibilidade de generalização, tendo em vista que a pesquisa foi aplicada em universo pequeno e buscando apenas características locais. Esse estudo auxiliou na elaboração do questionário objetivo quantitativo, que requereu o uso de recursos e técnicas de estatística, para buscar resultados que contribuam com os estudos de carreira na indústria criativa, principalmente local. A utilização de Teste-piloto (pré-teste) facilita a determinação

de unidades de análise, métodos de coleta e análise de dados. (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Assim, entende-se que o enfoque deste estudo é qualitativo-quantitativo, pois tem como objetivo principal obter maior compreensão do fenômeno carreira na indústria criativa de São Luís do Maranhão.

Como inicialmente adotou-se um teste-piloto qualitativo, foram realizadas como procedimento a coleta e análise de narrativas das trajetórias de carreira a partir de entrevistas semi-estruturadas sobre o desenvolvimento de carreiras artísticas. De acordo com Marconi e Lakatos (2007), “alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social” e essa foi primeira técnica de coleta de dados desta pesquisa.

As entrevistas semi-estruturadas são o modelo mais usual de entrevistas. Para que essas entrevistas ocorressem, foi necessária uma prévia programação de perguntas abertas, de acordo com os objetivos e estudos da pesquisa, que foram feitas ao entrevistado verbalmente e na ordem prevista, havendo a possibilidade de discorrer sobre outras hipóteses e assuntos pertinentes que surgissem no decorrer do processo. (TRIVIÑOS, 1987; LAVILLE e DIONNE, 1999 apud OLIVEIRA, 2011).

Sete artistas foram selecionados para serem entrevistados no Teste-piloto com base nos seguintes critérios: ter um nome reconhecido no mercado artístico de São Luís do Maranhão, possuir estabilidade financeira a partir do trabalho na indústria criativa, serem de áreas distintas da indústria criativa, ser natural do Maranhão e ter construído sua carreira em São Luís do Maranhão.

Com esse procedimento foi possível substanciar as perguntas do questionário quantitativo, que sucedeu o teste-piloto. O estudo quantitativo se deu a partir de questionários com perguntas de múltipla escolha, que são perguntas fechadas, mas apresentam uma série de respostas possíveis. A estratégia de usar questionários foi escolhida, pois permite alcançar um grande número de pessoas, é econômico, garante interpretação uniforme dos dados facilitando a tabulação das informações coletadas. (OLIVEIRA, 2011).

O universo da pesquisa de campo, como citado anteriormente, foi escolhida como unidade empírica de análise, profissionais artistas da indústria criativa, de acordo com a definição de Thorsby, que residem e trabalham em São Luís do Maranhão. Para a população amostral referente ao questionário, alcançou-se um

total de 107 respondentes dentre os artistas abordados por meio de contatos via grupos fechados de *Whatsapp* de companhias de teatro e de dança, comunidades artísticas fechadas em redes sociais, telefones e e-mails os quais a pesquisadora teve acesso. A população amostral utilizada foi definida por critério de acessibilidade ou conveniência, significando que os profissionais foram definidos de acordo com a disponibilidade para participação no estudo sem qualquer critério estatístico. (OCHOA, 2015). Isto, tanto para o teste-piloto, quanto para o questionário.

A análise dos dados foi realizada através da técnica de análise de conteúdo, que consiste em analisar as comunicações, enriquecendo a leitura, diminuindo incertezas e extraindo conteúdo a partir da mensagem analisada. As funções da análise de conteúdo são basicamente duas: a função heurística e a função de administração da prova, onde a primeira auxilia na descoberta impulsionando a tentativa exploratória e a segunda busca confirmar, ou não, hipóteses já levantadas. (BARDIN, 1977 apud OLIVEIRA, 2011).

Segundo Trivinõs (1987, p. 158 apud OLIVEIRA, 2011), “a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa, como na investigação qualitativa [...]”, portanto o mesmo método foi utilizado tanto na análise dos dados coletados no teste-piloto qualitativo, quanto no estudo através do questionário quantitativo.

6 RESULTADO DA PESQUISA

Na etapa qualitativa desta pesquisa, realizou-se um teste-piloto em formato de entrevistas semi-estruturadas, para que fossem descobertas novas referências, ausentes na literatura estudada, e que fazem parte do universo em questão neste estudo.

Sete entrevistas foram realizadas com profissionais de São Luís do Maranhão e para identifica-los usaremos os seguintes códigos: E1 – profissional de vídeo, E2 – profissional de arte multimídia, E3 – profissional de arte visual, E4 – profissional da música, E5 – profissional de teatro, E6 – profissional de literatura e E7 – profissional da dança.

Tabela 1 - Caracterização dos entrevistados

| Profissional Entrevistado | Idade | Sexo | Área de atuação | Formação |
|----------------------------------|--------------|-------------|------------------------|--|
| E1 | 44 | Masculino | Vídeo | Gestão Empresarial – CEUMA |
| E2 | 31 | Masculino | Arte Multimídia | Não é formado |
| E3 | 55 | Masculino | Arte Visual | História – UFMA |
| E4 | 28 | Feminino | Música | Licenciatura em Música – UFMA/ Mestrado em Educação |
| E5 | 53 | Feminino | Teatro | Não é formada |
| E6 | 30 | Masculino | Literatura | Letras – UFMA/ Mestrado em Cultura e Sociedade – UFMA |

| | | | | |
|-----------|----|-----------|-------|------------------------|
| E7 | 48 | Masculino | Dança | Educação Física - UFMA |
|-----------|----|-----------|-------|------------------------|

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dessas sete entrevistas constatou-se que apenas dois dos entrevistados, E4 e E7, são provenientes de famílias artísticas. Os demais precisaram descobrir suas vocações ao longo da trajetória profissional e pessoal.

Quando se perguntou quando criança o que “pensavam em ser quando crescessem” apenas E2 mencionou que já pensava em trabalhar com arte. Entretanto quando se perguntou sobre as memórias que tinham da escola e se já tinham contato com o “meio artístico” os entrevistados E1, E3, E4, E5 e E7 afirmaram que já se envolviam no meio artístico de forma amadora e por vezes em outras áreas da indústria criativa que não a sua de atuação profissional atualmente.

Sobre o ensino superior, apenas dois, E4 e E6, cursaram as faculdades referentes à suas carreiras, sendo essas respectivamente: Licenciatura em Música – UFMA e Letras – UFMA.

Na oitava pergunta trata-se do paradoxo de Mozart (Bendassolli e Wood Jr., 2010), onde busca-se saber se o entrevistado desenvolve suas criações apenas para satisfação pessoal ou busca se adequar ao mercado e se é possível trabalhar somente para o próprio prazer. Todos afirmam ser necessário se enquadrar ao mercado, entretanto buscam um equilíbrio para que o próprio prazer seja igualmente satisfeito nesse processo.

Sobre a afirmação supra, o profissional E3 declara “a arte como profissão é uma dupla satisfação, pois quando você une prazer e demanda de mercado, você não “trabalha”, você se diverte! Logicamente que as dificuldades existem, é preciso ter um entendimento da situação para que haja equilíbrio.”. Falando-se das dificuldades que podem surgir o participante E6 explica que é “inevitável não se enquadrar, pois quando se escreve só para si, as pessoas geralmente não entendem.”. Nesse sentido o entrevistado E7 completa que “é preciso saber se adequar, pois ninguém vive de sonhos, mas me envolvo, vivo e amo!”.

“A vida gira em torno do trabalho, primeiro é preciso gostar de trabalhar” afirmou o entrevistado E2 ao ser exposto à nona pergunta das entrevistas, que questiona quais fatores influenciam o desenvolvimento das carreiras desses

profissionais na indústria criativa de São Luís do Maranhão. A partir da entrevista foi possível complementar o questionário com alternativas que foram surgindo nas respostas dos entrevistados, como: qualidade no atendimento (“o cliente precisa ter a certeza de que vou resolver” – E2), atenção ao novo, oportunidade e demanda. Assim como foi possível confirmar alternativas, como a satisfação pessoal que esteve presente na resposta da maioria dos entrevistados.

Quais as principais estratégias utilizadas para sobrevivência na carreira artística em São Luís é o questionamento da décima questão. Assim como na questão anterior pôde-se destacar alguns aspectos que não foram anteriormente considerados, dentre esses o uso contínuo da criatividade (“desafio da prática diária de criatividade” – E2), atenção especial ao cliente e possuir um trabalho de excelência. E também se confirmou outras como “firmar o nome no mercado e ser respeitada, fazendo teatro sério, sendo uma atriz e uma mulher séria” conforme ressaltou a entrevistada E5.

Questionou-se na décima primeira questão qual o regime de trabalho em que esses profissionais estão inseridos: autônomo, empregado ou empreendedor. As respostas variam pouco, onde os sete entrevistados buscaram o regime empreendedor, dois desses também são autônomos (E4 e E5) e apenas dois estão empregados, E4 que é funcionária pública, concursada no Instituto Federal do Maranhão – IFMA e E7, também funcionário público, entretanto sendo cargo comissionado, estando atualmente como Diretor do Teatro Alcione Nazareth. A entrevistada E5 ainda afirma que: “Não dá para ser artista e ter patrão!”, na mesma linha de raciocínio os entrevistados E1 e E2 afirmam ter buscado o empreendedorismo para “fazer as coisas do seu jeito”, o que denota uma grande necessidade de autonomia e independência, por terem pouca tolerância à subordinação, para terem liberdade de criação e ação e a possibilidade de traçarem seus próprios caminhos buscando o controle das fronteiras.

Quando se pergunta se esses profissionais se encontram satisfeitos ou insatisfeitos em suas carreiras, percebe-se que há uma satisfação conectada a uma vontade de crescimento e de desafios contínuos, como cita o entrevistado E3, único a se dizer “insatisfeito, porque o satisfeito não busca desafios e eu estou sempre em busca de novidades.”.

Perguntou-se na questão treze qual seria a receita para o sucesso profissional na carreira artística em São Luís e vários elementos foram mencionados, dentre os mais citados podemos destacar: criatividade, nome no mercado, rede de contatos e estudo.

Perguntou-se na décima quarta questão se houve um planejamento preliminar dessas carreiras ou se elas têm seguido um curso natural sem planejamento prévio. As respostas de todos os candidatos são de que seguem um curso natural, entretanto alguns, poucos, afirma buscar o mínimo de planejamento sem obter muito sucesso. O entrevistado E3 explica que “falta planejamento a longo prazo”, já o E2 afirma que está “próximo ao pouco que planejou, porém foi necessário ter tranquilidade para aceitar os desvios e convertê-los ao objetivo principal”, da mesma forma o E6 explica que foi “um pouco dos dois”, em contrapartida a E5 afirma que sua carreira tomou um curso “completamente natural”.

Percebe-se que há uma dificuldade no planejamento dessas carreiras em virtude do cenário, muitas vezes, imprevisível.

Perguntou-se também quando e como os entrevistados gostariam de finalizar suas carreiras e E1 afirma “não pretendo me aposentar”, E2 diz “paro de trabalhar entre 110 e 120 anos, quero trabalhar enquanto viver”, E3 diz “só paro quando morrer, daqui uns 70, 80 anos”, E4, E5, E6 e E7 responderam que “nunca” vão parar de trabalhar, ou seja, por unanimidade as respostas foram de que pretendem continuar trabalhando por toda a vida, o que revela uma grande paixão pelo que exercem.

As informações supracitadas enriqueceram o questionário e tornaram o estudo assertivo, possibilitando que as tendências encontradas estejam mais próximas à realidade de São Luís.

Os dados coletados a partir dos 107 (cento e sete) questionários foram aplicados na população de artistas do universo da indústria criativa de São Luís do Maranhão, através de uma prospecção do contexto, de forma a detectar informações relevantes referentes ao cenário em questão.

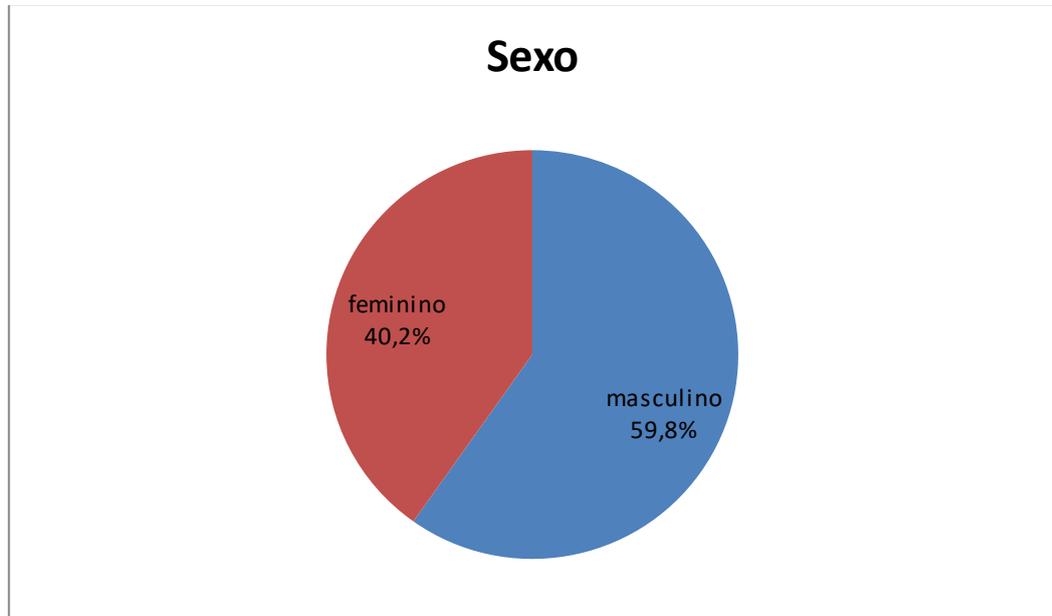
Constatou-se (questão 01) que 59,8% dos respondentes são do sexo masculino, frente a 40,2% do sexo feminino, o que segue a tendência estabelecida pela pesquisa de Vieira de Jesus no XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade – CONAGES realizado em 2016, na qual ele explica que ao

se assumir a Economia Criativa como um ramo da economia mais liberal do que as indústrias tradicionais, a igualdade entre os gêneros é colocada como dada, mas os homens ainda são privilegiados em termos de pagamento, acesso aos empregos, redes sociais e trajetórias de carreira. (ADAMS, 2010 apud VIEIRA DE JESUS, 2016).

Vieira de Jesus (2016) também afirma que a participação de mulheres no setor da música ainda é reduzida em relação à dos homens, bem como na área de fotografia e vídeo. Na indústria musical, enquanto os homens em geral são executivos, produtores e caçadores de talentos, as mulheres ocupam posições de menor remuneração e em geral realizam tarefas que exigem menos habilidades (TAMS, 2003, apud VIEIRA DE JESUS, 2016), além disso, os percentuais de participação de mulheres em setores ligados à computação e tecnologia ficam em torno de 20% a 25% em Estados desenvolvidos e tendem a ser ainda menores em Estados em desenvolvimento. (PROCTOR THOMSON, 2009, apud VIEIRA DE JESUS, 2016).

Não obstante, na indústria das artes visuais Ana Paula Simioni (2017), professora e pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, demonstrou durante o debate “Arte e Gênero”, que integrou a programação da semana “Mulher com Arte” que os números mostram que o Brasil pode ser um caso à parte quando o tema é a mulher nas artes (visuais). Porém, o cenário aparentemente favorável pode ser apenas uma primeira impressão, na opinião de Ana Paula. “Muitas das artistas bem sucedidas no mercado nem sempre desfrutam de boa colocação nos espaços museais. Ou seja, o valor de mercado nem sempre migra para uma valorização cultural ou outras instancias de legitimação da cultura. E o mercado da arte não se resume a ser artista. Há outras posições em museus e galerias que ainda não são ocupados por mulheres”, disse. (MIGUEL, 2017).

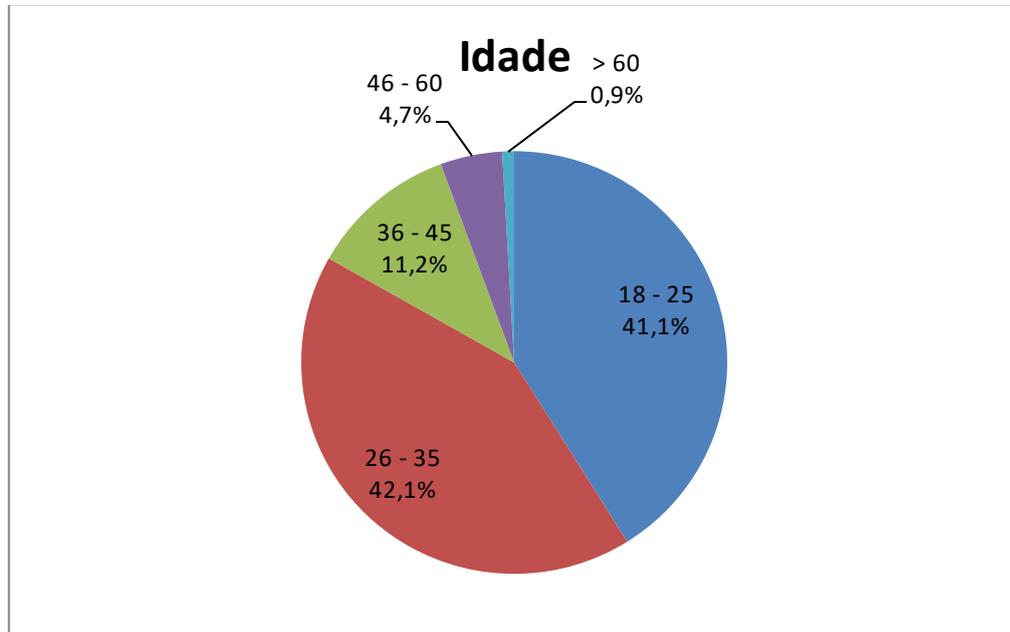
Gráfico 1 – Questão 1 do questionário: sexo



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando se analisa a idade dos participantes da pesquisa (questão 02) nota-se que a maioria, 41,1%, têm entre 18 e 25 anos somados aos 42,1%, que têm entre 26 e 35 anos, idades essas que estão inclusas no Estágio Psicossocial 6 da teoria das fases do desenvolvimento humano de Erik Erikson. (MELO, 2009).

Gráfico 2 - questão 2 do questionário: idade



Fonte: Elaborado pela autora.

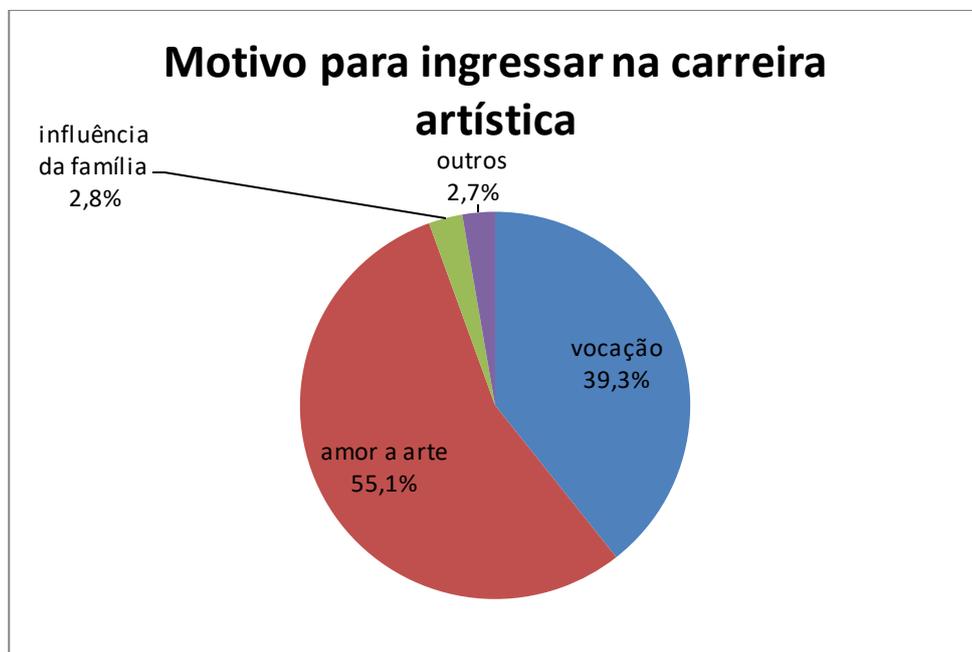
Um dos principais elementos dessa teoria é o desenvolvimento da identidade do ego. Segundo Hall e colaboradores (2000), Erikson deixa uma teoria na qual o ego tem uma concepção ampliada e realiza estudos psichistóricos, exemplificando sua teoria psicossocial no curso de vida de algumas figuras famosas. Essa metodologia é totalmente nova para a Psicanálise da época e na própria psicologia, pois estudos longitudinais eram muito raros e complexos de serem realizados e ainda o são hoje, embora se mostrem como um excelente método de validar teorias como a de Erikson, que trabalham o ciclo vital como um contínuo onde cada fase influencia a seguinte. (RABELLO e PASSOS, [20??]).

Erikson criou alguns estágios, que ele chamou de psicossociais, onde ele descreveu algumas crises pelas quais o ego passa, ao longo do ciclo vital. Estas crises seriam estruturadas de forma que, ao sair delas, o sujeito sairia com um ego, no sentido freudiano, mais fortalecido ou mais frágil, de acordo com sua vivência do conflito, e este final de crise influenciaria diretamente o próximo estágio, de forma que o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo estariam completamente imbricados no seu contexto social, palco destas crises. (RABELLO e PASSOS, [20??]).

Estágio Psicossocial 6 é a crise que acontece na fase adulta, entre dezoito e trinta e poucos anos. Nesse momento o interesse, além de profissional, gravita em torno da construção de relações profundas e duradouras, podendo vivenciar momentos de grande intimidade e entrega afetiva. Caso ocorra uma decepção a tendência será o isolamento temporário ou duradouro. (MELO, 2009).

Por conseguinte é possível analisar a questão de número nove do questionário a partir da faixa etária dos respondentes, onde 55,1% afirma que o principal motivo que o levou a ingressar na carreira artística na indústria criativa foi “amor a arte” e 39,3% afirma ter ingressado nessa carreira por vocação.

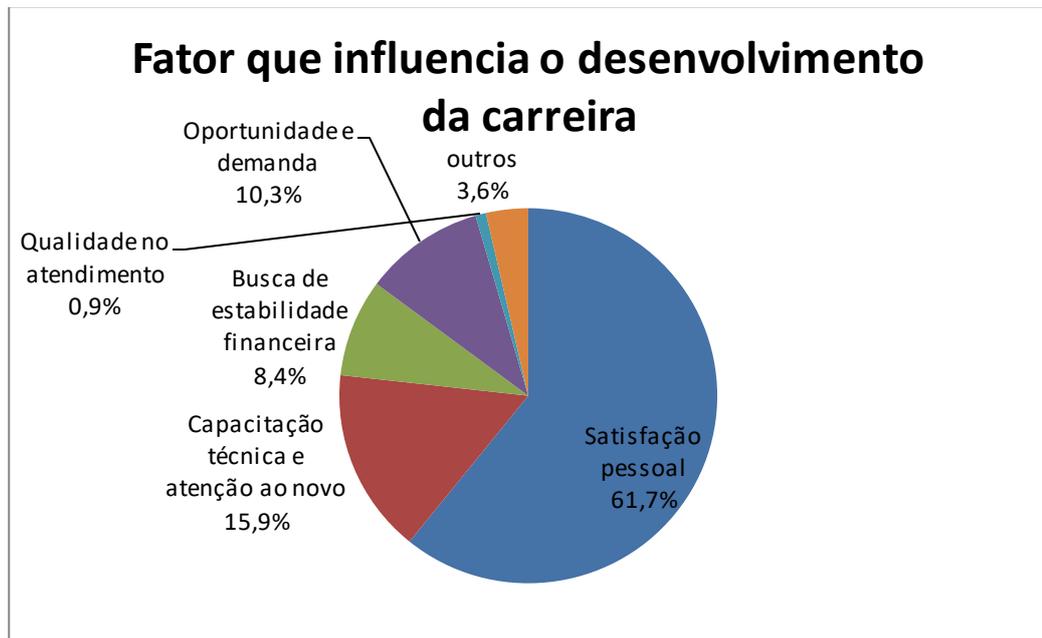
Gráfico 3 - questão 9 do questionário: motivos



Fonte: Elaborado pela autora.

Da mesma forma pode-se analisar a pergunta de número onze onde se questiona o principal fator que influencia o desenvolvimento da carreira, em que 60,7% dos participantes afirmam ser a satisfação pessoal.

Gráfico 4 - questão 11 do questionário: fator



Fonte: Elaborado pela autora.

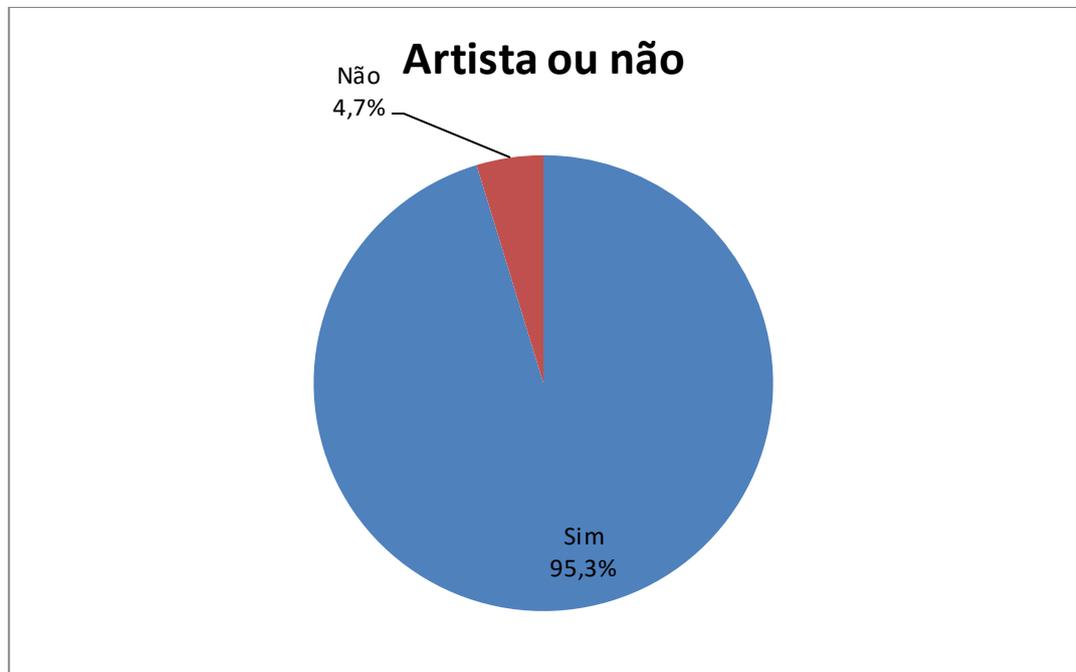
Esses resultados estão nitidamente atrelados ao estágio psicossocial 6 proposto por Erik Erikson, onde é possível afirmar que essa crise do desenvolvimento humano é uma busca contínua de satisfação pessoal, onde os interesses profissionais também são emocionais e perpassam a construção de relações interpessoais e afetivas.

Não obstante ao que já fora exposto, Bendassolli e Wood Júnior (2010) explicam que apesar das condições adversas, há uma grande oferta de mão-de-obra no setor cultural (MENGER, 1999). Dessa forma, surge o questionamento a respeito do por que desses indivíduos busquem trabalhar na indústria criativa. As razões são várias para o aparente paradoxo: primeiro, existe um “amor pela arte”, relacionado à percepção de vocação (KRIS; KURTZ, 1987); segundo, é prevalente a noção de que a auto realização e o reconhecimento dos pares têm maior importância para esses trabalhadores que o sucesso material. Terceiro, costuma-se perceber o trabalho artístico como um contraponto ao “trabalho alienado” (da concepção marxista) sendo assim, o trabalho artístico representa, para muitos profissionais, uma reunião entre o “fazer o que se deve” e o “fazer o que se gosta” (FREIDSON, 1986); quinto, há a possibilidade de aprendizado ou de ser autodidata, pois ao exercer um trabalho cultural ou criativo, o indivíduo se descobre, se forja e se revela para si mesmo e

para os outros (MOULIN, 1997); e sexto, há o gosto pessoal pela instabilidade e pela ausência de rotinas, tal condição parece funcionar como estímulo para buscar novas competências e, com isso, revelar novos talentos. (BENDASSOLLI e WOOD JR, 2010).

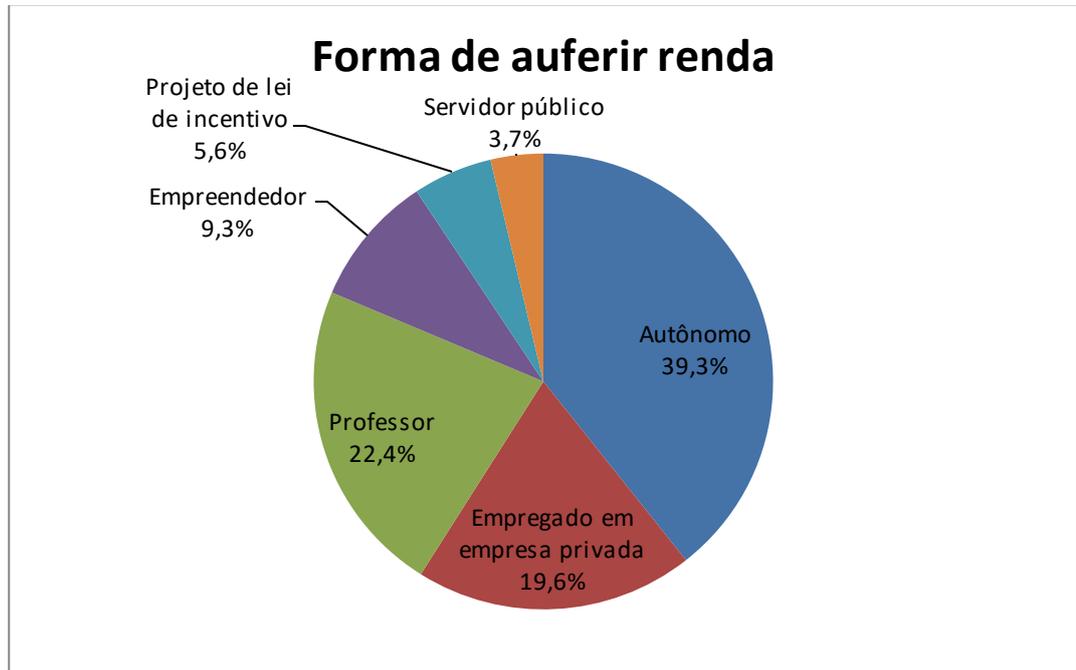
Essas razões supracitadas reforçam alguns dos aspectos revelados pelo presente estudo, dentre esses, o fato de que 95,3% dos participantes se consideram artistas (questão 03) e 38,3% trabalham em regime autônomo (questão 10), sem esquecer os demais pontos que já foram anteriormente mencionados e que também fazem relação.

Gráfico 5 - questão 3 do questionário: artista



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 6 - questão 10 do questionário: renda

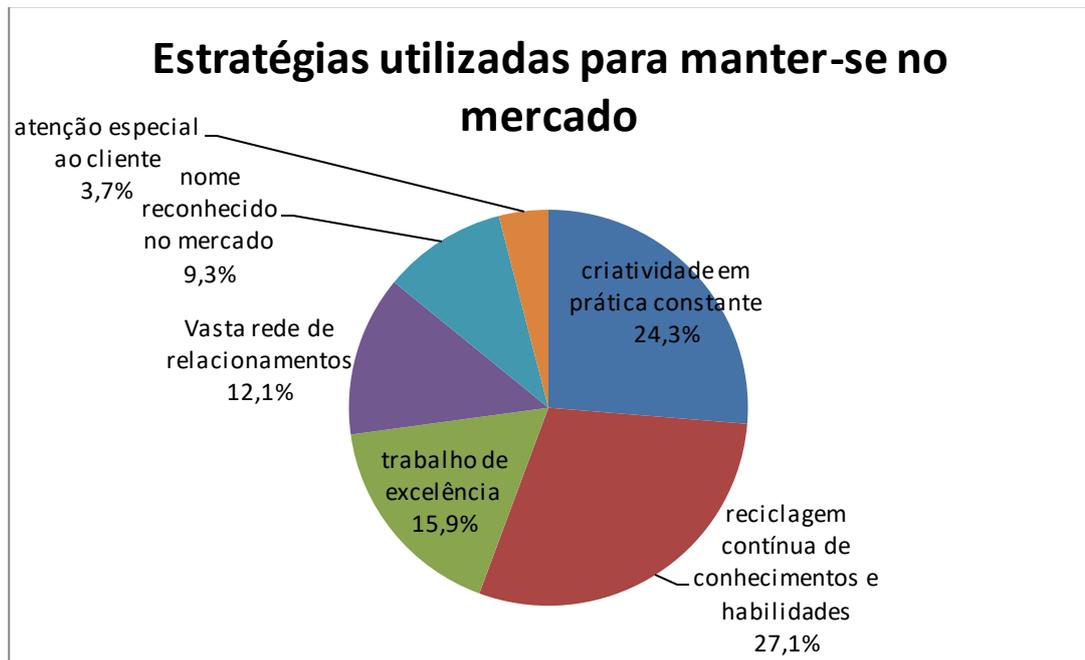


Fonte: Elaborado pela autora.

Quando o indivíduo exerce o que gosta, com “amor a arte”, na faixa etária em questão, com todas as características descritas por Erik Erikson sobre o Estágio Psicossocial 6, é inevitável que o labor desse indivíduo seja realizado com afinco, com capricho e constatou-se tal afirmação através da interrogativa de número doze do questionário deste estudo, onde 15,9% afirmam que sua principal estratégia para manter-se no mercado artístico de São Luís do Maranhão é exercer um trabalho de excelência, 24,3% dizem ser preciso estar com a criatividade em prática constante, ou seja, trabalhar sempre e 27,1% revelam que é preciso que haja uma reciclagem contínua de conhecimentos e habilidades o que denota preocupação em manter uma manutenção tanto como profissional, como ser humano.

Além disso, pode-se associar todos esses aspectos ao conceito de carreira Proteana que, como já dito anteriormente, concebe a carreira como uma série de experiências e de aprendizados pessoais, relacionados ao trabalho ao longo da vida e onde o indivíduo é direcionado por suas necessidades pessoais, em detrimento às necessidades organizacionais, o sucesso alcançado é o psicológico, diferentemente da percepção de sucesso no modelo tradicional. (HALL, 1996 apud ARAÚJO, 2015).

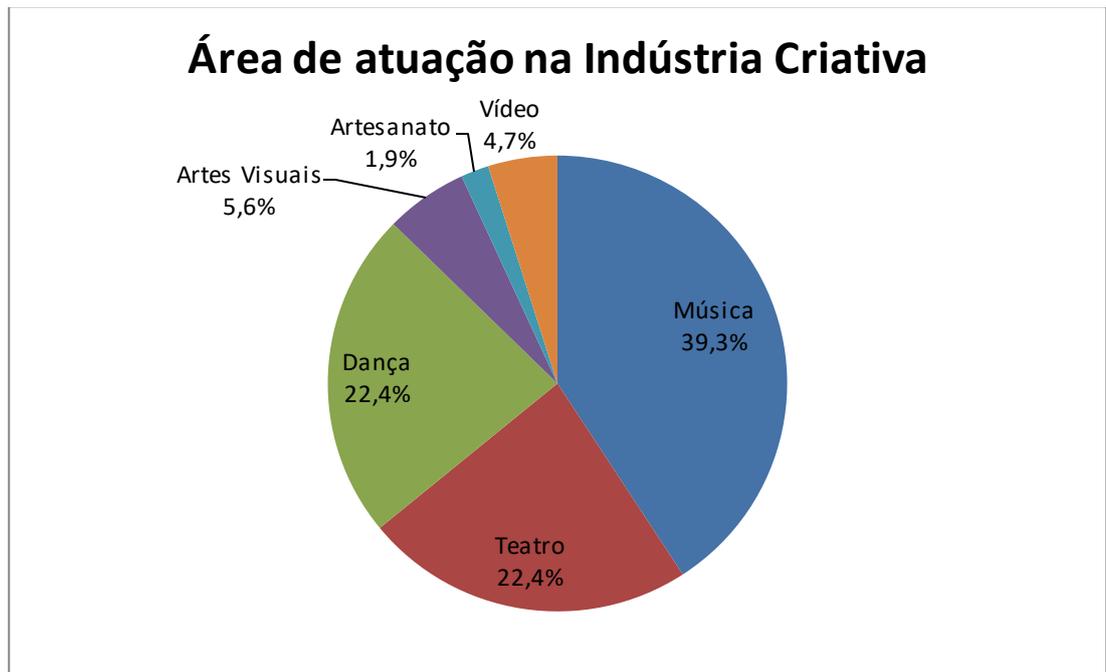
Gráfico 7 - questão 12 do questionário: estratégia



Fonte: Elaborado pela autora.

Um fato curioso do estudo foi que não se conseguiu nenhum respondente da área da literatura. Essa situação é o reflexo de muitos fatores, um deles é o fato de que pouco se consome literatura. Comparando-se, por exemplo, com música, que corresponde à área de atuação de 39,3% dos respondentes (questão 04), a qual indiscutivelmente muito se consome, observa-se a discrepância em relação a algumas áreas.

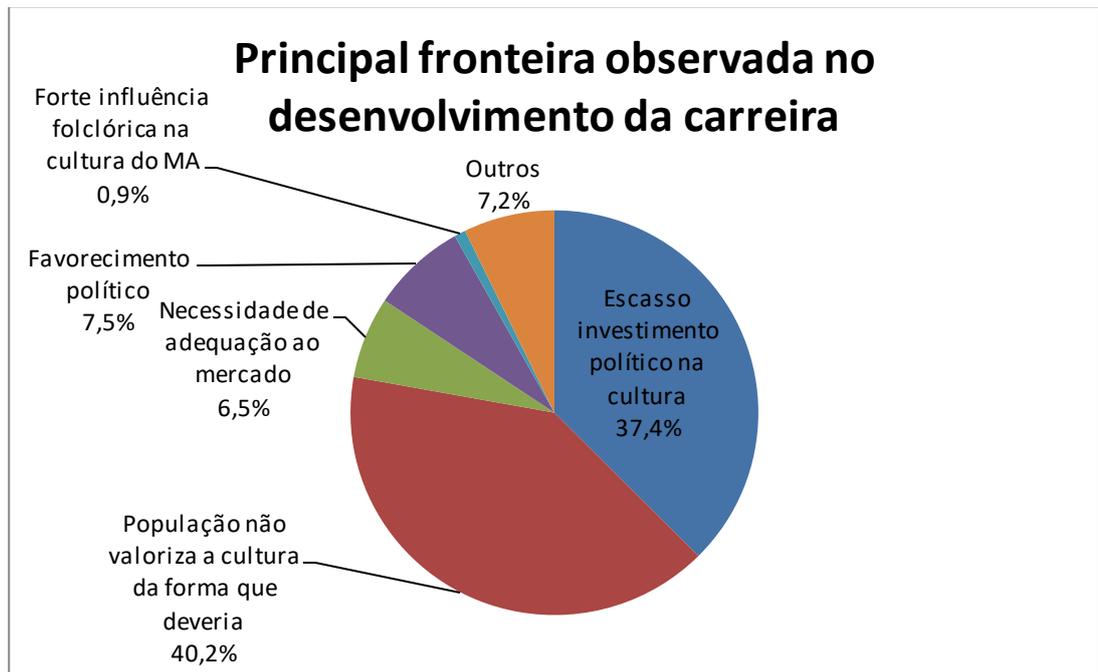
Gráfico 8 - questão 4 do questionário: área de atuação



Fonte: Elaborado pela autora.

Na literatura ludovicense os livros são produzidos em pequena escala, grande parte das vezes, de forma autônoma e privada, em virtude da carência de incentivo governamental. Essa tendência é endossada neste estudo, onde 37,4% dos respondentes afirmam na questão treze que a principal fronteira, obstáculo ou barreira observada no desenvolvimento da carreira artística em São Luís do Maranhão é a escassez de investimento político na cultura e 40,2% escolheram a opção de que a população não valoriza a cultura da forma que deveria.

Gráfico 9 - questão 13 do questionário: fronteira



Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se dizer que tudo é diretamente proporcional. A quantidade de investimentos do governo em cultura permite que os artistas produzam e que a população se eduque para conhecer e valorizar.

Diante dessas tendências tem-se uma constatação vinda de um dos participantes do estudo, que respondeu ao questionário, aqui nomeado de "Px", escrita em uma opção em aberto para descrever outra fronteira, barreira, enfrentada por ele na carreira da indústria criativa de São Luís do Maranhão, caso as alternativas propostas não satisfizessem. Questão treze:

"Faltam artistas com perfis de profissionais e pessoas à frente de companhias e grupos que tenham uma visão do mercado profissional. O que se vê hoje em dia são pessoas sem formação artística à frente de eventos, artistas que priorizam o seu ganho ao ganho do estado, dentre outros problemas que criam um cenário artístico amador. Não por quem faz, mas por quem acredita que ensina e está baseado numa visão ultrapassada. A arte no Maranhão, quando falo da dança, não é valorizada, mas veja, há muita gente sem capacitação dando aulas e trabalhos amadores sendo vistos como profissionais. Isso acontece porque falta essa população artística ser educada da forma correta."

Para defender ainda mais os argumentos supraditos, traz-se o depoimento de um profissional da área de literatura, membro da Associação Maranhense de

Escritores Independentes – AMEI e escritor, que apresentou sua visão do contexto em questão, declarando o seguinte:

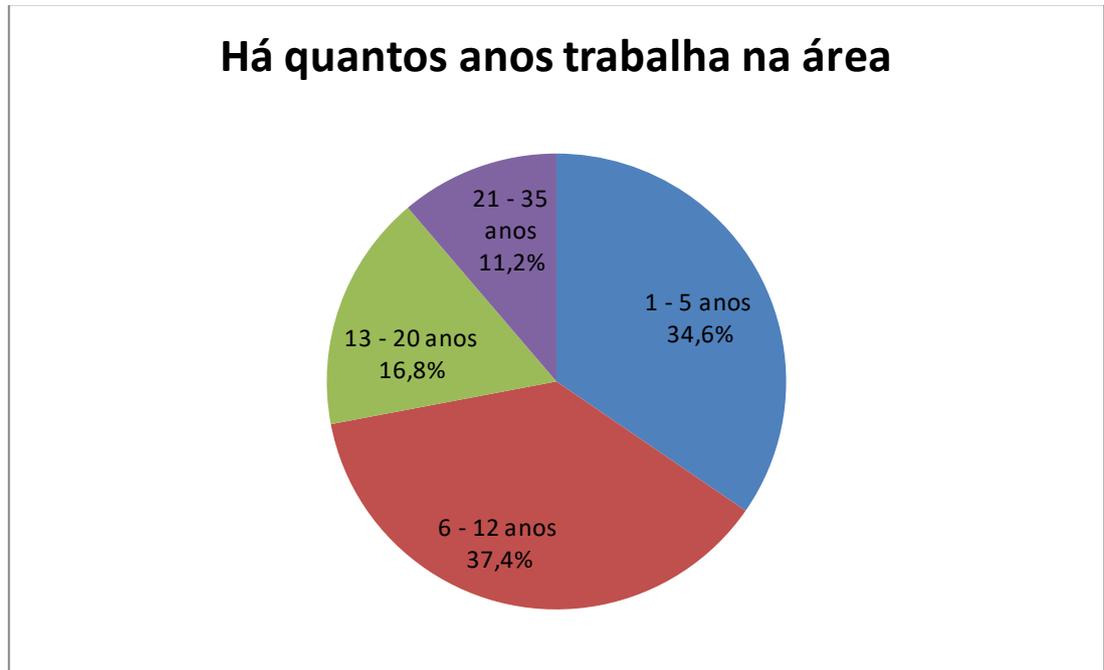
“Não dá para responder e creio que a maioria de nossos associados não se encaixam, pois para além de, obviamente, não ser única forma de renda de nenhum de nós, também não é rentável (falo por mim e pela maioria de nós), pois qualquer conceito de rentabilidade pressupõe que se cubra os custos de produção pelo menos (o que quase nunca ocorre). É preciso deixar claro que a classe literária vive para a sua arte e não de sua arte, ver o assunto sobre um prisma de rentabilidade ainda que mínimo é algo fora do pensamento do escritor. Você fala em seu questionário de trabalho, de renda, de carreira, profissional da área, de estratégia... ora esse vocabulário e conceito está ausente da maioria dos escritores”.

O supracitado escritor também ressalta que “com pouco dinheiro temos que fazer tudo, ter as dores do parto, pois pouco se faz pela cultura. As pessoas estão centradas no “eu” e pouco nos outros” e ainda que “São Luís, a Atenas brasileira, está com a cultura do pensamento abafada”.

Tais visões confirmam que o escasso investimento financeiro nas indústrias criativas tende a extinguir a viabilidade dessas indústrias, enquanto mercado.

Na quinta questão pergunta-se há quantos anos os profissionais entrevistados trabalham na indústria criativa. 34,6% trabalham apenas entre um e cinco anos e 37,4% trabalham entre seis e doze anos nessa indústria, enquanto 11,2% trabalham entre 21 e 35 anos. Matematicamente, é muito improvável que no futuro esse percentual de trabalhadores recentes no ramo da indústria criativa se reduza de 72% a 11,2%. Portanto, pode-se inferir que esse gráfico mostra uma tendência de crescimento de profissionais na indústria criativa.

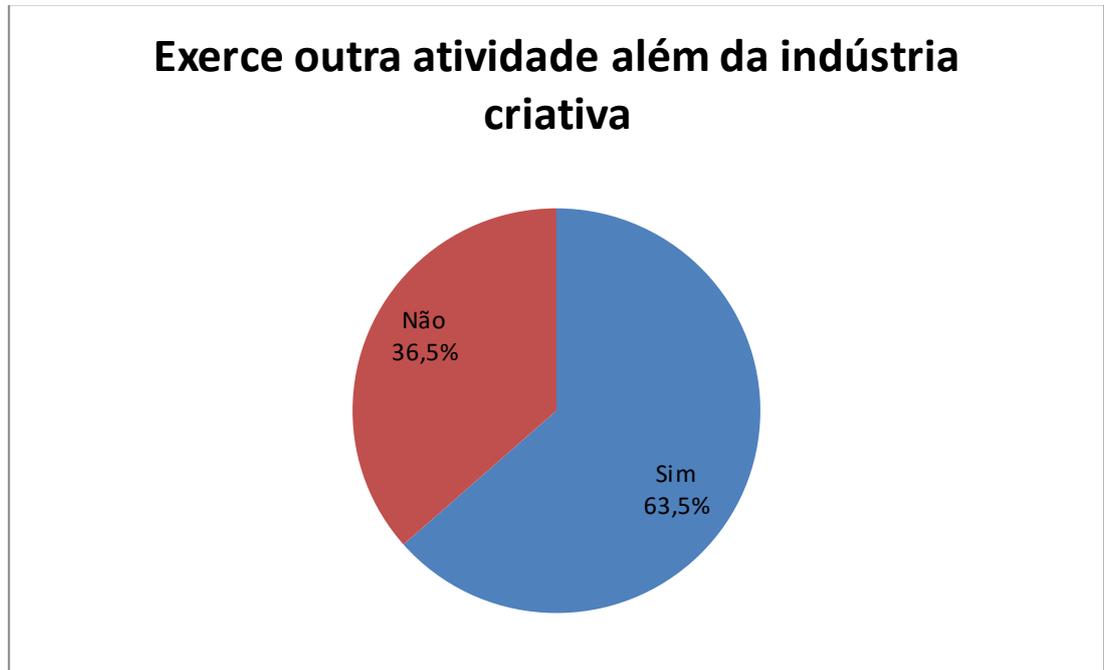
Gráfico 10 - questão 5 do questionário: anos trabalhando na área



Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa também foi capaz de mostrar que a maioria, 63% dos participantes, exerce outra atividade (questão 07), ou seja, a tendência é de que o artista não consiga viver exclusivamente do seu trabalho na indústria criativa.

Gráfico 11 – questão 7 do questionário: atividade além da indústria criativa

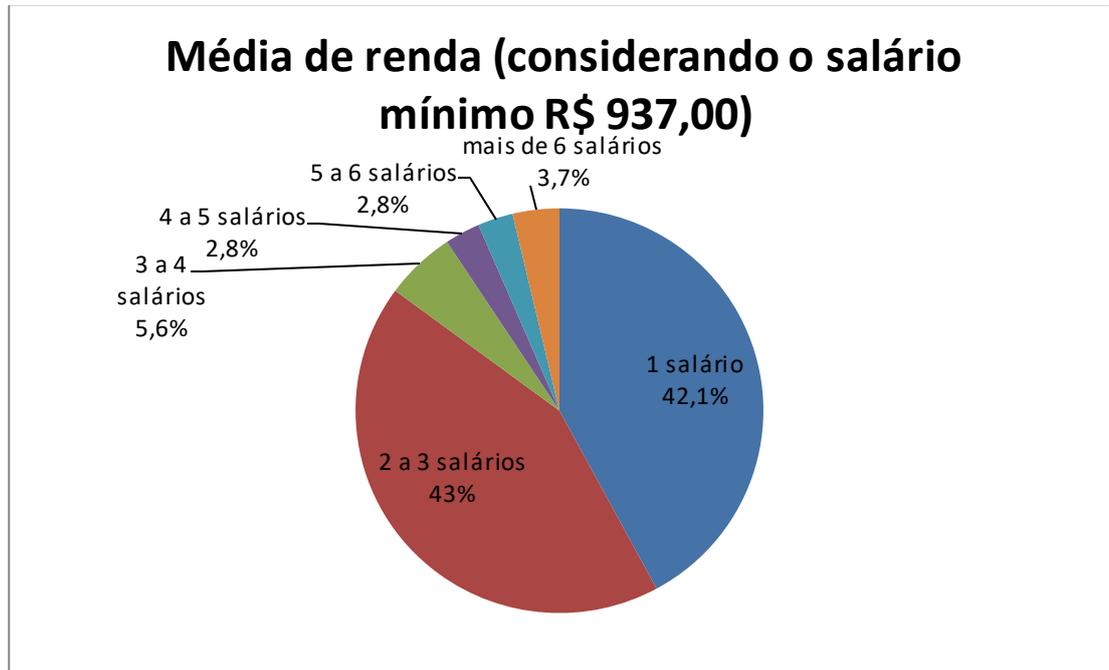


Fonte: Elaborado pela autora.

A tendência se reafirma na questão oito, onde 68,1% dos respondentes que afirmaram exercer outra atividade na questão sete, a exercem fora da indústria criativa, enquanto 31,8% dos respondentes exercem outra atividade dentro da indústria criativa.

Em conformidade pôde-se reforçar a tendência de pouca valorização do trabalho dos artistas ludovicenses, onde 42,1% dos respondentes (questão 06) afirmam ter renda de apenas um salário mínimo e 43% recebem entre dois e três salários, tornando mais comum a busca de ganho financeiro em outras áreas.

Gráfico 12 - questão 6 do questionário: salário



Fonte: Elaborado pela autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa atingiu seu objetivo geral à medida que foi possível constatar tendências que tangem o desenvolvimento das carreiras artísticas em São Luís do Maranhão. Dentre elas podemos destacar a evidente ligação emocional dos artistas com a profissão, apresentando o trabalho como vital, o que os torna mais caprichosos e dedicados ao trabalho, a grande necessidade de autonomia e independência desses profissionais, tornando mais comuns regimes de trabalho autônomos e empreendedores. Pôde-se também averiguar a aparente necessidade de exercer uma profissão paralela à exercida na indústria criativa, assim como a conhecida escassez de investimento político, o que dificulta a “formação de plateias”.

Dos objetivos específicos, tornou-se possível respondê-los a partir das tabulações do questionário que forneceram resultados coerentes, como fatores e estratégias que tangenciam a carreira, assim como os principais motivos que levam os profissionais a escolherem a indústria criativa. Esses resultados estão diretamente atrelados ao objetivo geral.

Das limitações pode-se citar o fato de o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos do Maranhão – SATED estar fechado, fato que impossibilitou a busca do contato de artistas sindicalizados para participação na pesquisa, assim como a identificação de parâmetros quanto ao número de artistas existentes no Maranhão. Outro ponto a melhorar seria a realização da entrevista semi-estruturada com profissionais de todas as áreas da definição de Throsby, e não somente sete como fora realizado neste estudo. Pode-se dizer também que a ausência de profissionais da literatura disponíveis para responder ao questionário caracteriza outra limitação da pesquisa.

Por fim, quanto a futuras pesquisas, recomenda-se a realização de novos estudos acerca desta temática, indica-se a pesquisa sobre mulher na indústria criativa, a partir da diferenciação de quantidade de homens e mulheres atuantes encontrada no cenário de São Luís do Maranhão e da já questionada relevância dos cargos ocupados por mulheres. Além desse tema, pode-se buscar conhecer e entender o universo da literatura em São Luís do Maranhão a partir da limitação já evidenciada nesta pesquisa.

Espera-se que esse trabalho contribua para fomentação de mais pesquisas na área da indústria criativa e nos estudos de carreira.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Ruth. Gender Issues in the Cultural and Creative Industries. *Gender Matters*, 18 out. 2010.
- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARAÚJO, Adriana. **Imagens de Carreira: Um Estudo com Graduandos em Administração de Distintos Grupos Geracionais**. Programa de Pós-Graduação em Administração - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.
- ARTHUR, M. B. The boundaryless career: a new perspective for organizational inquiry. *Journal of Organizational Behavior*, v. 15, p. 295-306, 1994.
- Arthur, M., Claman, P. H. e DeFillippi, R. Intelligent Enterprise, Intelligent Careers. *Academy of Management Executive*, v. 9, n. 4, 7-39, 1995.
- ARTHUR, M; ROUSSEAU, D. M. *The boundaryless career*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 387-400, out./ dez., 2009.
- BENDASSOLLI, Pedro et al. *Indústrias criativas: definições, limites e possibilidades*. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 49, n. 1, p.10-18, jan. 2009.
- BENDASSOLLI e WOOD JR. **O Paradoxo de Mozart: carreiras na indústria criativa**. *Revista OES*, Salvador, v.17 – n.53, p. 259-277, abril 2010. Disponível em: <www.revistaoes.ufba.br>. Acesso em: 05 de out de 2016.
- BLYTHE, M. The work of art in the age of digital reproduction: the significance of the creative industries. *JADE*, v. 20, n. 2, p. 144-150, 2001.
- BIELBY, W. T; BIELBY, D. D. Organizational mediation of project-based labor markets: talent agencies and the careers of screenwriters. *American Sociological Review*, v. 64, n. 1, p. 64-85, 1999.
- BOURDIEU, P. *The Field of Cultural Production*. New York: Columbia University Press, 1993.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CAVALCANTI Glauce. **Economia criativa avança mesmo durante a recessão: PIB do setor cresceu 70% em uma década no Brasil e tendência é positiva, dizem especialistas**. 03 jan 2016. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/economia/economia-criativa-avanca-mesmo-durante-recessao-18399357>>. Acesso em: 05 de jan de 2017.

CAVES, R. Creative Industries. Harvard: Harvard University Press, 2000.

CHANLAT, Jean-françois. Quais Carreiras e para Qual Sociedade? Rae-revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 6, p.67-75, nov. 1995. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol35-num6-1995/quais-carreiras-para-qual-sociedade-i>>. Acesso em: 17 de out de 2016.

CONHEÇA A GERAÇÃO Z: nativos digitais que impõem desafios às empresas. São Paulo, 23 fev. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/20/politica/1424439314_489517.html>. Acesso em: 19 dezembro 2016.

CO_LABORE. Economia Criativa, um motor em expansão. Co_labore – Pensar junto para pensar além. Disponível em: <<http://co-labore.net/economia-criativa-um-motor-de-expansao/>> Acesso em: 13 mar. 2017.

DCMS (Department for Culture, Media and Sport). Creative Industries mapping document. Disponível em : http://www.culture.gov.uk/Reference_library/Publications/archive_2001/ci_mapping_doc_2001.htm. Acesso em 20.08.2005.

Deffilipi, R. J., Arthur, M. B., The Boudaryless Career: a Competency-Based Perspective, Journal of Organizational Behavior, v. 15, p. 307-324, 1994.

Erikson, E.H. (1968). Identity: Youth and Crisis. New York: Norton.

Erikson, E.H. (1963). Childhood and Society. (2nd ed.). New York: Norton.

FEATHERSTONE, M. Consumer Culture and Postmodernism. London: Sage, 1991.

FRANCA, Cesar de Oliveira. **Indústrias Criativas e Classe Criativa**: Um estudo de caso dos ocupados em atividades criativas na região metropolitana de Salvador em 2005. 163 f. Dissertação (Pós-graduação) – Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA. 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

HALL, C. et. Alli. Teorias da Personalidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Hall, D. T. (1996). The career is dead, long live the career: A relational approach to careers. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Hall, D. T. (1996). Protean careers of the 21st century. The Academy of Management Executive. (10) 4, 8-16.

Hall, D.T. (2002). Careers In and Out of Organizations. London, Sage Publications.

HAIR Alberto. **Economia criativa, um motor de expansão**: dos países da zona do euro aos Estados Unidos e China, quem investiu nesta indústria fez a diferença. 01

set 2015. Disponível em: < <http://www.istoedinheiro.com.br/blogs-e-colunas/post/20150901/economia-criativa-motor-expansao/7345>>. Acesso em: 05 de jan de 2017.

HARTLEY, J. Creative industries. Londres: Blackwell, 2005.

HESMONDHALGH, D. The cultural industries. London: Sage, 2002.

HIRSCH, P. M. Processing fads and fashions: an organization-set analysis of cultural industry systems. In: GRANOVETTER, M. e SWEDBERG, R. (Ed). The Sociology of Economic Life. Boulder: Westview Press, 2001. p. 287-304.

JAGUARIBE, A. Indústrias criativas. Disponível em <http://www.portalliberal.com.br>. Acesso em 24.11.2016.

LACOMBE, Beatriz Maria Braga. **O Modelo da Carreira sem Fronteiras no Contexto Organizacional: Pesquisando a Carreira do Professor Universitário no Brasil**. 8. ed. São Paulo - Sp: Fgv, 2005. (Relatorios).

LEÃO, Jorge. São Luís, por que Atenas brasileira?, 2006. Disponível em:<<https://edicao.jornalpequeno.com.br/impreso/2006/07/16/sao-luis-por-que-atenas-brasileira/>>. Acesso em: 20 de nov. 2016.

LIMA, B. C. C.; LIMA, T. C. B; CABRAL, A. C. A. Estilos de Funcionamento, Mecanismos de Aprendizagem, Indústria Criativa. Recape Revista de Carreiras e Pessoas. 2013. p. 03.

MARCONI, M. A.; LAKATOS; E. M. **Metodologia científica**. 3 ed. ampl. e rev. São Paulo: Atlas, 2000.

MELO, Maria Aparecida. Teoria Psicossocial do Desenvolvimento em Erik Erikson. Psicologado Artigos. Publicado em junho de 2009. Disponível em: < <https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/teoria-psicossocial-do-desenvolvimento-em-erik-erikson>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

MIGUEL Sylvia. Representatividade feminina no sistema artístico precisa ser mais bem avaliada. IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Publicado em 21/03/2017 09:35. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/representatividade-feminina-no-sistema-artistico-precisa-ser-melhor-avaliada>>. Acesso em: 20 jun 2017.

MOLTENI, L; ORDANINI, A. Consumption patterns, digital technology and music downloading. Long Range Planning, v. 36, n. 4, p. 389-406, 2003.

MOULIN, R. L'artiste, l'institution et le marche. Paris: Flammarion, 1997.

OCHOA, Carlos. Amostragem não probabilística: Amostra por conveniência. 2015. Disponível em: <<https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-conveniencia>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

OLIVEIRA, Emanuelle. Estudo de Caso, [201?]. Disponível em:<
<http://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso//>>. Acesso em: 16 de dez.
 2016.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a
 realização de pesquisas em administração. Catalão: Ufg, 2011. Disponível em:
 <[https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-
 _Prof_Maxwell.pdf](https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf)>. Acesso em: 14 dez 2016.

PROCTOR-THOMSON, Sarah Belle. Creative differences: the performativity of
 gender in the digital media sector. Tese – PhD em Gender and Women’s Studies.
 Centre for Gender and Women’s Studies, Lancaster University, Lancaster, 2009.

PRODANOV, C. C. Manual de metodologia científica. 3. ed. Novo Hamburgo, RS:
 Feevale, 2006.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. Erikson e a teoria psicossocial do
 desenvolvimento. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 20 de junho
 de 2017.

RABELLO, E. T. Personalidade: estrutura, dinâmica e formação – um recorte
 eriksoniano. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo
 Cruz, Rio de Janeiro 2001. (monografia).

REIS, A. C. F. Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio
 da cultura. São Paulo: Manole, 2007.

SERAFIM, Mauricio C. et al. Economia Criativa ou Indústria Criativa: Delimitação de
 um Conceito em Construção. Criciúma: Unesc, 2012. Disponível em:
 <[http://www.apec.unesc.net/VII_EEC/sessoes_tematicas/Área_12_Temas
 Especiais/Economia Criativa ou Indústria Criativa.pdf](http://www.apec.unesc.net/VII_EEC/sessoes_tematicas/Área_12_Temas_Especiais/Economia_Criativa_ou_Indústria_Criativa.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2016.

SIMONNETI, Eliana. Indústria criativa - Colcha de retalhos. Ipea Desafios do
 Desenvolvimento. 2006. Ano 3 . Edição 19 - 7/2/2006. Disponível em:
 <[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=96
 9:reportagens](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=969:reportagens)>. Acesso em: 12 mar. 2017.

TAMS, Elly. The Gendering of Work in Sheffield's Cultural Industries Quarter (CIQ).
 Tese – Doutorado. Sheffield Hallam University, South Yorkshire, 2003.

THROSBY, D. Defining the artistic workforce: the Australian experience. Poetics, v.
 28, p. 255-271, 2001.

UNCTAD. Creative Economy Report 2008. Disponível no sítio da United Nation
 Conference on Trade and Development. Disponível em: Acesso em 03 de janeiro de
 2017.

VERGARA, Sylvia. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 14. ed.
 São Paulo: Atlas, 2013.

VIEIRA DE JESUS, Diego. **Criando, Inovando e Excluindo:** Gênero e Poder Na Economia Criativa. XII CONAGES. 2016. Disponível em: <
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID1607_29042016133208.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2017.

WINDELER, A; SYDOW, J. Project networks and changing industry practices: collaborative content production in the German television industry. *Organization Studies*, v. 22, n. 6, p. 1035-1060, 2001.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Porto Alegre: Artmed, 1975.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semi-estruturada aplicada a sete profissionais da Indústria Criativa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

| CATEGORIAS | PERGUNTAS ASSOCIADAS |
|--|---|
| TRAJETÓRIA DE VIDA (HISTÓRIA PESSOAL) | <p>1. Relate sua trajetória de vida, considerando aspectos tais como: estrutura familiar, contexto socioeconômico-cultural, hobbies, atividades voluntárias, etc.</p> <p>2. Quando criança o que você “pensava em ser quando crescer”?</p> |
| TRAJETÓRIA | <p>3. Que memórias você tem da escola? Você já tinha contato com o “meio artístico”?</p> <p>4. Você cursou o ensino superior? Qual curso?</p> <p>5. Por que a escolha desse curso? Você exerce ou exerceu essa profissão?</p> <p>6. Como se deu o seu processo de entrada na carreira</p> |

| | |
|---|--|
| <p>PROFISSIONAL (CARREIRA NA INDÚSTRIA CRIATIVA - ARTISTA)</p> | <p>artística na indústria criativa? Quais os principais motivos dessa escolha?</p> <p>7. Quando você iniciou sua carreira artística, quais eram suas ambições ou objetivos de longo prazo? Foram atingidos?</p> <p>8. Você costuma desenvolver suas criações apenas para satisfação pessoal ou buscar se adequar ao mercado? É possível trabalhar somente para o próprio prazer?</p> <p>9. Quais fatores influenciam o desenvolvimento de sua carreira?</p> <p>10. Aponte suas principais estratégias de sobrevivência na carreira artística em São Luís? (network, nome no mercado, etc.).</p> <p>11. Hoje qual sua principal atividade? Em qual regime de trabalho: autônomo, empregado ou empreendedor? Por quê?</p> <p>12. Hoje você se encontra satisfeito ou insatisfeito em sua carreira? Por quê?</p> <p>13. Para você, caso houvesse uma receita para o sucesso</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| | profissional na carreira artística em São Luís, qual seria? |
| TRAJETÓRIA FUTURA (EXPECTATIVAS) | <p>14. Você planejou previamente sua carreira ou ela tem seguido um curso natural sem planejamento prévio?</p> <p>15. Qual o próximo passo a dar em sua carreira?</p> <p>16. Quando e como você prevê finalizar a sua carreira?</p> <p>17. Ao olhar adiante em sua carreira, existe alguma coisa que você faria questão de evitar? O que faz você querer evitar essas coisas?</p> |

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

APÊNDICE B – Questionário objetivo quantitativo aplicado a 107 profissionais da Indústria Criativa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO – CARREIRA NA INDÚSTRIA CRIATIVA EM SÃO LUÍS/ MA

Este questionário faz parte do Estudo de Carreira na Indústria Criativa em São Luís – MA, objeto de pesquisa de trabalho de conclusão de curso de Nicole Meireles Guimarães no curso de Administração da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Todos os dados coletados com esse questionário serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica, garantindo a confidencialidade das informações.

- 1) Sexo: () Feminino () Masculino () Outro _____
- 2) Idade: () 18 – 25 () 26 – 35 () 36 – 45 () 46 – 60 () >60 anos
- 3) Você se considera artista? () SIM () NÃO
- 4) Qual sua área de atuação na Indústria Criativa?
 - () música
 - () dança
 - () teatro
 - () literatura
 - () artes visuais
 - () artesanato
 - () vídeo
 - () software
 - () arte multimídia
- 5) Há quantos anos trabalha na área?
 - () 1 – 5 anos
 - () 6 – 12 anos
 - () 13 – 20 anos
 - () 21 – 35 anos
 - () + 35 anos
- 6) Quanto em média é sua renda?
(Considerando o salário mínimo R\$ 990,00)
 - () até 1 salário mínimo

- entre 2 e 3 salários
- entre 3 e 4 salários
- entre 4 e 5 salários
- entre 5 e 6 salários
- acima de 6 salários mínimos

7) Você exerce outra atividade além da mencionada acima? () SIM () NÃO

8) Se sim, qual? _____

9) O que levou você a ingressar na carreira artística na indústria criativa?

- Ganho financeiro
- Influência da família
- Amor à arte
- Necessidade do mercado
- Vocação
- Busca pela fama
- Outro: _____

10) Qual sua principal forma de auferir renda enquanto profissional da área?

- Projetos de lei de incentivo
- Trabalho em empresa privada
- Servidor público
- Autônomo
- Professor da área
- Empreendedor
- Outro: _____

11) Qual o principal fator que influencia o desenvolvimento da sua carreira?

- Busca de estabilidade financeira
- Satisfação pessoal
- Capacitação técnica e atenção ao novo
- Oportunidade e demanda
- Qualidade no atendimento
- Outro: _____

12) Qual a principal estratégia utilizada por você para manter-se no mercado artístico de São Luís?

- Possuir vasta rede de relacionamentos
- Ter um nome reconhecido no mercado
- Reciclagem contínua de conhecimento e habilidades
- Criatividade em prática constante
- Atenção especial ao cliente
- Trabalho de excelência
- Estar atento a Editais
- Outro: _____

13) Qual a principal fronteira (obstáculo/ barreira) são observada por você no desenvolvimento da sua carreira artística?

- Perfil da população que não valoriza a cultura da forma que deveria**
- Escasso investimento político na cultura**
- Necessidade de adequação ao mercado**
- Favorecimento político a alguns grupos artísticos**
- Forte influencia folclórica na cultura do Maranhão**
- Outro: _____**

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO

ANEXO A – Autorização de entrevistas

AUTORIZAÇÃO PARA USO ACADÊMICO DAS INFORMAÇÕES

TERMO DE CONSENTIMENTO: COLETA DE DADOS, TCC

Eu, _____,
RG _____, CPF _____,
endereço _____

_____, entendo os propósitos, metodologia e objetivos desta pesquisa, realizada por Nicole Meireles Guimarães, RG 034979842008-4, CPF 605868573-70, endereço residencial na Rua dos Narcisos, quadra 11, casa 17, Condomínio Jardim Renascença, Bairro Renascença II, aluna do Curso de Administração da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e AUTORIZO o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa, assim como AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados desta pesquisa, e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

São Luís, ____ de ____ de 2017.

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Assinatura: Coordenadora do Curso